

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PROF-FILO**

EDILENE SANTOS SILVA

**ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA PARA O
TRABALHO COM O ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA**

MONTES CLAROS – MG

JUNHO/2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PROF-FILO

EDILENE SANTOS SILVA

ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA PARA O TRABALHO COM
O ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO da Universidade Federal do Paraná polo Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES sob a orientação do professor Dr. Marcio Antônio Silva.

MONTES CLAROS – MG

JUNHO/2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PROF-FILO

EDILENE SANTOS SILVA

Dissertação de Mestrado intitulada — **ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA PARA O TRABALHO COM O ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE CRÍTICA**, de autoria da mestrandia Edilene Santos Silva, submetida para aprovação pela

Banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Membros da banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antônio Silva

Prof. Dr. Admilson Eustáquio Prates

Prof. Dr. Antônio Wagner Veloso Rocha

AGRADECIMENTOS

Dirijo-me a todos aqueles que contribuíram para a minha formação acadêmica e desenvolvimento como pessoa. Transformando minhas aspirações em realidades apresentando-me a vida como composta por erros e acertos. Assim, agradeço a Deus, as condições de vida que tenho físicas, intelectuais e emocionais.

Agradeço à minha mãe Rosália Barbosa, que me incentiva e motiva e que sempre contribui, decisivamente, para minha formação humana, estendendo aos meus irmãos e familiares. A meu marido Claudio Brito, meu grande companheiro. Ao meu príncipe filho Ítalo Gustavo, por tantos sorrisos e pela disponibilidade que não lhe concedi, e ao meu príncipe filho Gael, que veio em meio a minha trajetória de produção de conhecimento, tornando meus dias mais corridos, mas não menos felizes e produtivos.

A meu professor e orientador Márcio Antônio Silva, agradeço a sua paciência, persistência com que me está orientando. E a todos os meus colegas e professores do PROF-FILO com os quais compartilho uma experiência única de irradiação do conhecimento.

“O conhecimento por conceitos chama-se pensar” (KANT, 2008).

RESUMO

A presente proposta apresenta como objetivo compreender o papel do professor de Filosofia para a formação da autonomia de pensamento do educando a partir de conceitos para o desenvolvimento das habilidades de pensamento destes. O estudo tem como foco conhecer as estratégias de ensino dos professores na disciplina de Filosofia no Ensino Médio, analisar suas repercussões na formação e aprendizagem dos alunos e a influência da formação dos professores de Filosofia e o exercício da docência no Ensino Médio. Os resultados analisados apontaram que as estratégias e metodologias de ensino utilizadas nas aulas de Filosofia estão longe de ser o que os autores propõem e que seria objetivo da Filosofia, na questão de formar um cidadão emancipado com criticidade. A conclusão deste estudo apresenta que deve haver uma mudança nas aulas de Filosofia, que devem ser oficinas de produção de conceitos, laboratórios do pensamento, e não deve se limitar o ensino de filosofia como apenas mais um conteúdo, mas é preciso um ensino ativo, que desenvolva o pensamento e saiba trabalhar com os conceitos.

Palavras chave: Filosofia; Ensino; Ensino Médio.

ABSTRACT

The present proposal aims to understand the role of the Philosophy teacher for the formation of the student's autonomy of thought and its concept creation for the development of their thinking skills. The study focuses on the teaching strategies of teachers in the discipline of Philosophy in High School, analyze their repercussions in the formation and learning of students and the influence of the training of Philosophy teachers and the exercise of teaching in High School. The results analyzed pointed out that the teaching strategies and methodologies used in Philosophy classes are far from what the authors propose and that it would be the objective of Philosophy, in the question of forming an emancipated citizen with criticality. The conclusion of this study shows that there should be a change in Philosophy classes that should be concept production workshops, thought labs, and should not limit the teaching of philosophy as just another content, but it requires an active teaching that develops thinking and the creation of concepts.

Keywords: Philosophy; teaching; high school.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

E.M. – Ensino Médio

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases Educação Nacional

LTS – Licença de tratamento de Saúde

MP – Medida Provisória

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

S.R. E – Superintendência Regional de Ensino

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	
A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
1.1 Do percurso metodológico: entraves e desafios.....	14
1.2 Procedimentos.....	15
1.3 Do critério das escolas pesquisadas.....	18
1.4 Caracterização das escolas.....	19
1.4.1 Escola I.....	19
1.4.2 Escola II.....	20
1.5 Da coleta de dados e agenda das entrevistas: o caminho alternativo.....	20
1.5.1 Professores.....	21
1.5.2 Os estudantes.....	21
1.6 A organização dos conteúdos das entrevistas.....	22
CAPÍTULO 2	
O CONTEXTO HISTÓRICO DA FILOSOFIA NO BRASIL.....	23
2.1 A gênese histórica da filosofia.....	23
2.2 Filosofia no Brasil.....	26
2.3 Filosofia em Minas Gerais.....	28
CAPÍTULO 3	
CONCEITOS DE FILOSOFIA.....	29
3.1 Alguns conceitos de ensino e aprendizagem na Filosofia.....	29
3.2 A formação docente: entre professores e filósofos.....	34
CAPÍTULO 4	
AS PRÁTICAS FILOSÓFICAS EM SALA DE AULA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	36
4.1 Estratégias de ensino.....	36
4.1.1 Leitura de livros e muita verbalização.....	36

4.1.2 No Ensino Médio.....	37
4.1.3 Visão do aluno.....	39
4.2 O professor de Filosofia e as necessidades dos estudantes de Ensino Médio: (In)Disciplina.....	41
4.3 Participação, motivação, interesse e rendimento do estudante no processo ensino aprendizagem no Ensino Médio nas aulas de filosofia: visão do professor.....	42
RESULTADOS DA PESQUISA.....	44
ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	51
APÊNDICES.....	54
ANEXOS.....	60

INTRODUÇÃO

Um dos objetivos da Filosofia, dispostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN 2008, é que seu ensino na formação básica do estudante estimulará uma postura crítica e capacidade reflexiva necessária para que se orientem em um mundo convulsionado por profundas mudanças de valores e aberto ao acesso de todo tipo de informação (BRASIL, 2006).

A trajetória do ensino de filosofia no Brasil acompanha os movimentos políticos de avanços e retrocessos da democracia. Tornada facultativa pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/61, ela praticamente desaparece das escolas públicas durante o regime militar, na vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692/71. A filosofia retoma o movimento de consolidação da democracia como determinação da Lei de Diretrizes 9394/96, para a qual todo estudante, ao final do ensino médio, deverá, conforme o artigo 36 desta lei: “Dominar os conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, 1996).

A discussão sobre a obrigatoriedade da disciplina na matriz curricular do Ensino Médio é acompanhada pelos dissensos relacionados à forma como os conteúdos de filosofia deveriam tomar nos currículos: como disciplina obrigatória ou como conteúdo transversal? Deve ser ministrada no bojo de outras atividades escolares, ou como conteúdo “independente”? As discussões quando da regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 tendiam para a percepção de que, sem o *status* de disciplina, a Filosofia nas escolas perderia força, sendo a proposta de sua existência como “conteúdo transversal” apenas outra forma de diminuir sua importância em relação às demais disciplinas. Assim, cada estado brasileiro, usando de sua autonomia na oferta do ensino médio, optou por uma forma de tratar a questão, arbitrando também sobre os modelos de estruturação das práticas de ensino da Filosofia (KOHAN, 2004).

No contexto atual, a Filosofia ainda continua com seus dilemas quanto à sua permanência ou não no currículo escolar do ensino médio. Em 22 de setembro de 2016, fomos alcançados pela proposta de Reforma do Ensino Médio no Governo de Michel Temer, a Medida Provisória - MP 746/2016, que, mais uma vez, atinge, direta e gravemente o ensino da filosofia nas escolas. A MP agride a base de formação do estudante, pois retira da educação básica subsídios que poderiam promover o pensamento de forma crítica e em oposição à dominação do Estado. A medida promove alteração na estrutura dos anos finais do

Ensino Médio, alterando o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9394/96 que trata da obrigatoriedade da disciplina Filosofia nas três séries do ensino médio e enfatiza a formação técnica e profissional, descaracterizando a formação cidadã que propunha a referida lei. Com o presente trabalho propomos a investigar a realidade do ensino de Filosofia no município de Janaúba-MG, no que tange à didática e estratégias de ensino utilizadas pelo professor.

É visto o seguinte problema de pesquisa: Como são ministradas as aulas de Filosofia em duas escolas do município de Janaúba? Tendo em vista a importância de pensar o ensino de filosofia, e focando nesse tema, propõe-se a conhecer quais as metodologias e estratégias usadas no ensino de Filosofia em duas escolas públicas do município.

Nesse sentido, algumas problematizações surgem e norteiam esse estudo: 1) Quais são as estratégias pedagógicas utilizadas pelos os professores de Filosofia que atuam no Ensino Médio em duas escolas da cidade de Janaúba? O curso de Filosofia tem preparado os acadêmicos para o enfrentamento da prática pedagógica na sala de aula no Ensino Médio? 2) Quais estratégias e metodologias o professor utiliza para provocar, nos alunos, a fagulha do pensamento? 3) Quais são os parâmetros para o professor escolher os conteúdos de Filosofia? 4) Os estudantes consideram os conteúdos de Filosofia relevantes para a sua formação e cidadania?

Em virtude dessa problemática, o objetivo geral da pesquisa foi investigar a realidade do ensino de Filosofia no município de Janaúba-MG, no que tange à didática e estratégias de ensino utilizadas pelo professor, com vistas a compreender o papel do docente de Filosofia para a formação da autonomia de pensamento do educando e sua criação de conceitos para o desenvolvimento das habilidades de pensamento destes alunos. Detalhando esses objetivos, pretende-se pesquisar as estratégias de ensino dos professores na disciplina de Filosofia no Ensino Médio; analisar as repercussões do ensino de Filosofia na formação e aprendizagem dos alunos do Ensino Médio.

Assim, no primeiro capítulo destaca-se o percurso metodológico e seus entraves e desafios na coleta de dados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uma professora de Filosofia do Ensino Médio e uma aluna de terceiro ano do Ensino Médio. Os depoimentos dos entrevistados foram organizados em cinco categorias: 1) As estratégias de ensino dos professores na graduação de filosofia: leitura de livros e muita verbalização; 2) As estratégias de ensino do professor nas aulas de filosofia no ensino médio; 3) As estratégias e metodologia de ensino na visão do aluno; 4) Professores de filosofia e as necessidades dos estudantes de ensino médio: (in) disciplina e participação; 5) Motivação, interesse e

rendimento do estudante no processo ensino aprendizagem no ensino médio nas aulas de filosofia: visão do professor, para melhor compreensão dos dados.

De acordo com as entrevistas realizadas, tanto a professora como a aluna afirmam ter o uso quase exclusivo do livro didático para a realização das aulas e, além da falta de recursos, o tempo também é escasso para a execução de estratégias mais elaboradas. Embora com essas dificuldades apresentadas, a aluna ainda sugere uma metodologia de trabalho mais dinâmica e a própria professora também diz que, quando possível, solicita aos alunos atividades mais práticas, criativas e que envolvem a tecnologia como ferramentas e aplicativos de *smartphones*, vídeos, fotografias. Mas outro fator, também citado por ambas, é a questão da (in)disciplina dos alunos, que compromete o bom andamento das aulas e das estratégias de ensino. Isto porque, diversas vezes, esses alunos indisciplinados não se interessam pelo tema a ser discutido e ainda apresentam dificuldade para entendimento e compreensão do assunto.

No segundo capítulo fizemos um breve balanço histórico da Filosofia no Brasil até chegar à Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - FAFIL. No Brasil, a filosofia surge no ensino secundário no século XVI com a Companhia de Jesus – *Ratio Studiorum*. A qual passa por relação íntima com os ideais políticos e religiosos. Em meados do século XIX, novas ideias trazem a grande transformação na filosofia brasileira. Em relação à filosofia no Brasil, que tem uma trajetória que acompanha os movimentos políticos de avanços e retrocessos da democracia, essa disciplina passou por discussão sobre sua obrigatoriedade na matriz curricular do ensino médio, se disciplina obrigatória ou como conteúdo transversal, ministrados no bojo de outras atividades escolares (CERQUEIRA, 2011).

O curso de Filosofia surge em Minas Gerais, a partir de 1939, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), antes Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH). A filosofia chega à Faculdade de Filosofia e Letras (FAFIL) no ano de 1968. Com as idas e voltas da filosofia no currículo escolar, essa disciplina chega à atualidade e continuam os dilemas sobre a sua permanência nas escolas. A nova proposta, em 2016, de retirada continua a agredir a base de formação dos estudantes, pois retira os subsídios de análise crítica da realidade, que poderiam promover uma postura de reflexão e oposição à dominação (DOU, 2016).

No terceiro capítulo temos a fundamentação teórica do trabalho, apresentando alguns conceitos de ensino, bem como o ensino de filosofia como problema filosófico, que visa discutir as relações de ensino e a filosofia fazendo uma análise com as ideias de autores

como Walter Kohan, Silvio Gallo, Cornelli e Danelon, Renata Aspis, Alejandro Cerletti, Deleuze e Guatarri. Para Walter Kohan (2004), a filosofia na escola é uma atividade de transporte de pensamento, onde experienciamos o que somos e a relação com o mundo, problematizando-o e oportunizando as relações entre as pessoas. Concordando com Kohan, Gallo (2012) acrescenta ainda que a aula de filosofia é uma “oficina de conceitos”, onde o desejo de conhecer do educando leva-o a ressignificar sua existência. A filosofia, desde seu surgimento, carrega consigo a responsabilidade de auxiliar na construção da autonomia crítica, incitando especialmente aos mais jovens a sair das “cavernas” e repensar o mundo, afirmam Cornelli, Carvalho e Danelon (2010). Compartilhando das ideias dos autores já citados, Renata Aspis (2009), apresenta a filosofia como aquela que leva o estudante a “subversões”, a criar versões além das apresentadas pelo senso comum, pela massa. Cerletti (2009) afirma que o motivo pelo qual se deve ensinar filosofia se dá por ela auxiliar o jovem com o pensamento, com a formação crítica e com o seu estar no mundo, situando-o.

No quarto capítulo apresentamos a análise e discussão dos dados da pesquisa, de modo que as questões de estratégias didáticas são analisadas à luz do referencial teórico dos autores como Silvio Gallo (2012), Walter Kohan (2002), Renata Lima Aspis (2009). Nesse contexto, Gallo descreve a importância do método de Ensino de Filosofia, ao apontar a Pedagogia do conceito para pautar a prática de ensino, fundamentando-se na obra de Deleuze e Gattari *O que é a Filosofia?* (1992). O seu projeto filosófico é permeado por nuances que apontam em direção a uma forma de ensino e aprendizagem pautada pela atuação do estudante diante das propostas temáticas de ensino de filosofia. Foram selecionados autores que discutem o tema sob diferentes ângulos. Desde a ideia de Deleuze e Guattari, Gallo e Kohan, até Aspis e Cerletti. A escolha destes se deu por discutirem sobre o tema de maneira simplificada e que responde à inquietações antes não alcançadas.

CAPÍTULO 1

A METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme descrito na introdução deste estudo, trabalhamos na perspectiva de conhecer como são ministradas as aulas de Filosofia em duas escolas do município de Janaúba/MG, tendo em vista a importância de pensar o ensino desta disciplina. E focando nesse estudo, conhecer quais as metodologias e estratégias usadas no ensino de Filosofia nestes dois estabelecimentos de ensino. Neste capítulo, portanto, o objetivo é o de apresentar e descrever os procedimentos adotados para a realização e análise do estudo a seguir.

1.1 Do percurso metodológico: entraves e desafios

Os próprios objetivos da pesquisa induziram à opção metodológica que privilegia uma abordagem qualitativa. É preciso esclarecer que a metodologia em questão leva em conta os aspectos da qualidade, pois é um estudo que visa compreender o papel do professor de Filosofia para a formação da autonomia de pensamento e sua criação de conceito para o desenvolvimento das habilidades de pensamento dos educandos. Segundo Minayo (2010), as pesquisas qualitativas e quantitativas não se opõem, ao contrário, completam-se, pois as realidades abrangidas por elas se integram dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

A utilização do método qualitativo se justifica por responder a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa tem como objetivo principal interpretar o fenômeno ou o processo observado (TRIVINOS, 1987). O procedimento trata de um estudo descritivo, o que visa a um leque maior de informações, serão utilizadas as combinações da pesquisa bibliográfica e documental e, como instrumento de coleta de dados, a entrevista. Conforme afirma Trivinos,

a maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva. O foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, a desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas do adolescente (TRIVINOS, 1987, p. 110).

O campo desta pesquisa abrange duas escolas públicas estaduais. Dessa forma, o estudo se justifica pelo interesse em dar maior credibilidade aos resultados, o que torna mais viável por permitir mais proximidade das informações sobre as estratégias didáticas de ensino da disciplina filosofia no ensino médio. Assim, fez-se a opção por uma escola pública de ensino médio da região central do município de Janaúba e outra da região periférica do mesmo município.

Para analisar as estratégias didáticas de ensino foi utilizada a pesquisa documental e a entrevista, estas foram responsáveis por subsidiar as análises e os procedimentos usados para a pesquisa de campo. Para isso foram construídos roteiros de perguntas (questionários), que estão dispostos no Apêndice, bem como analisados os planos de ensino dos respectivos professores e também o Currículo Básico Comum (CBC), proposto pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. A pesquisa documental, de acordo com Trivinos (1987), permite ao investigador reunir uma gama de informações.

A pesquisa de campo, assim como Marconi e Lakatos (2010) descrevem, possibilita-nos o conhecimento acerca de um determinado problema o qual decorre dos acontecimentos no cotidiano do coletivo e, dessa forma, constitui uma das técnicas viáveis aos estudos que contemplem as relações humanas estabelecidas na interação entre sujeito e conhecimento. Assim sendo, ao partir dos procedimentos ao ambiente no qual se faz a pesquisa, a organização do conteúdo e o método científico empregado são fundamentais para a análise completa dos dados coletados.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 169).

Assim foi feito para que a pesquisa tenha sustentação e clareza, bem como, relação entre os elementos pesquisados.

1.2 Procedimentos

Com o objetivo de responder a perguntas desta dissertação, foram realizadas entrevistas com duas professoras de Filosofia do Ensino Médio, bem como com estudantes do 3º ano médio das referidas escolas em que atuam as professoras. O momento da coleta dos dados registrados foi precedido de visita à primeira escola; contato com direção da escola,

bem como do professor para levantar informações sobre a possibilidade de participação na pesquisa. Dentro da perspectiva qualitativa, realizou-se o primeiro contato informal com o diretor da escola em que foi marcado um encontro pessoalmente para a manhã seguinte. Ao chegar à escola, a informação foi que o diretor havia saído para uma reunião na Superintendência Regional de Ensino - SRE Janaúba. Logo, no intervalo do recreio, foi possível falar com o professor da disciplina filosofia para esclarecer a finalidade da pesquisa e solicitar sua participação. Antes que fosse possível a apresentação da proposta, o professor teve de retornar à sala de aula e pediu que fosse feito outro contato com ele, agora por telefone celular, para aclarar a proposta em questão. Assim foi feito, porém contato não aconteceu por falta de atendimento da ligação. Fato igual ocorreu ao fazer o contato via mensagem por aplicativo de *WhatsApp*.

Ao tentar novo contato com o professor por meio telefônico ligando para a escola, a atendente informou que o professor com quem precisava falar (professor de Filosofia) não estava na escola e que não poderia informar como encontrá-lo. Passados dois dias, retornamos à escola, mas não foi possível falar com o professor, nem com o diretor. Desta vez, foi possível saber em quais os dias poderia encontrar o professor na escola. Ao fazer novo contato via telefone, a atendente viabilizou a nossa conversa, momento em que novamente trocamos telefone e endereço eletrônico para que enfim pudesse enviar a proposta de pesquisa. Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que após dias o professor alegou não ter recebido a mensagem eletrônica. Então, em outra ligação feita à escola, ao falar com o diretor, o mesmo solicitou a proposta de pesquisa que lhe foi entregue, para que fosse discutido com o professor da disciplina sobre sua participação. Passados alguns dias, o professor retornou por correio eletrônico respondendo negativamente sobre sua participação. “Olá, li as orientações do seu projeto e não tenho interesse em participar da pesquisa. Não sou adepto dessas teorias educacionais, outros professores podem colaborar com eficácia para o que propõe.” Assim, encerrou-se o contato com esta referida escola, agradecendo ao professor, via e-mail.

Durante o processo de busca da escola da região periférica, também foi realizado um contato inicial com a escola da área central da cidade, via telefone, mas sem muito êxito, uma vez que o professor de filosofia estava afastado para tratamento de saúde e a escola estava sem substituto. Após aguardar um período visando o retorno do professor, a escola foi procurada novamente, a informação foi que o professor tinha prorrogado sua Licença de Tratamento de Saúde (LTS) e que haviam contratado um novo professor.

Por meio de uma funcionária da escola foi possível conseguir o contato da professora substituta. Ao fazer contato telefônico com a mesma, apresentando sucintamente a proposta da pesquisa, convidando-a para colaborar, desde o primeiro momento ela recusou. Disse que “o nome da filosofia na escola estava manchado” e que ela estava reerguendo agora. O motivo de tal mancha, relatou a professora, era o fato de o professor estar com problemas mentais, e ter se desentendido com os alunos, o que havia comprometido o bom andamento das aulas e que, de todo modo, sugeriu que falasse com o diretor, embora ela acreditasse que ele não iria concordar, pois, pelo fato de a escola ser uma escola de “nome”, poderia comprometer a imagem da escola.

No dia seguinte, ao procurar pessoalmente a escola, fui recebida pela supervisora (especialista) da escola que pediu que fizesse contato com o professor titular de Filosofia que já estava em tratamento, e melhor e poderia responder à pesquisa. Ela disse ainda que procurasse a supervisora do turno noturno, que poderia me orientar melhor e que acreditava muito que tudo ia dar certo, uma vez que além do professor, o público alvo da pesquisa eram os estudantes da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). No mesmo dia à noite, retornei na escola e fui recebida pela então vice-diretora. Ali mesmo, no pátio da escola, ao explicar a proposta de pesquisa, ela disse que já teria sido informada da mesma pela professora substituta e que compartilhava da mesma opinião: de que não seria uma boa ideia esse tipo de pesquisa na escola naquele momento, visto que acabara de ocorrer conflitos entre o professor titular e os alunos. Então, demos por encerrada a busca por estas duas escolas que atendem o maior número de alunos no ensino médio no município de Janaúba.

Com os desencontros ocorridos, foram vislumbradas outras escolas da rede estadual que também ofertam o Ensino Médio no município. Uma delas situada na região de bairros, divisa entre centro e região periférica da cidade, onde a professora foi localizada por meio da rede social, apresentando-a resumidamente a proposta pelo envio do TCLE, ao que imediatamente ela aceitou e ficou de retornar combinando o local, uma vez que já havia marcado o dia em que ela teria disponibilidade. E na outra escola, situada na região central da cidade, a proposta da pesquisa foi apresentada inicialmente por ligação via celular, e a mesma também aceitou participar.

Como as professoras já haviam aceitado participar da pesquisa, o momento agora era de buscar estudantes que também se dispusessem a participar. Após conseguir duas estudantes de cada escola, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). A pesquisa foi viabilizada somente após aprovação do CEP com parecer número 3.173.349 (Anexo 1). Os termos de

consentimento para os professores e alunos foram entregues com antecedência e recolhidos no ato da coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada individualmente em ambientes diversos, conforme a disponibilidade de cada pesquisado. Da casa das alunas pesquisadas à biblioteca pública municipal. A pesquisadora realizou pessoalmente a coleta no mês de março foi até a casa dela, conversou e ela imediatamente, aceitou participar da pesquisa e então ficou marcado o encontro para dali a dois dias em sua casa. A pesquisadora realizou pessoalmente a coleta no mês de março de 2019 no município de Janaúba/MG.

Para a coleta dos dados, utilizou-se aplicativo de telefone celular que facilitou a gravação do áudio, que foi favorável para a transcrição. Mesmo a sala fechada, não se impediram todos os ruídos, havendo interferências de sons externos, de carro de som que passava na rua. Após as transcrições, os dados foram salvos no Google Drive da pesquisadora.

Foram entrevistados dois professores, de modo a recolher dados que levem a compreender a questão da pesquisa. Com a professora da escola que fica entre bairros, iniciou-se uma conversa informal sobre os cargos e encargos da profissão e então se iniciou a entrevista que ocorreu dentro do esperado. A professora não fez nenhuma objeção à gravação da entrevista em forma de áudio, respondeu de forma tranquila a todas as perguntas, e isso durou 22 minutos e 42 segundos. A professora foi clara e objetiva respondendo muito espontaneamente às questões. Fato semelhante aconteceu com a professora da região central da cidade que optou em ser entrevistada na biblioteca municipal da cidade. A entrevista teve a duração de 20 minutos e 03 segundos.

Com as quatro estudantes as entrevistas aconteceram em suas casas. As entrevistas foram gravadas com duração média entre 14 e 19 minutos. As estudantes, todas com 18 anos de idade foram solícitas e tranquilas para responder às questões feitas sobre o ensino de Filosofia. Os sujeitos pesquisados não tiveram o nome citado por uma decisão da pesquisadora. Assim, os pesquisados serão identificados como: Professor 1 – P(1); Professor 2 - P(2); Estudante 1 - E(1); Estudante 2 - E(2); Estudante 3 - E(3); Estudante 4 - E(4). Decidimos assim, pois os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados à SER/ Janaúba com objetivo de gerar uma intervenção futura.

1.3 Do critério das escolas pesquisadas

Dentre as seis escolas estaduais da rede pública que oferecem ensino médio e, conseqüentemente, oferecem a disciplina de filosofia, seguiu-se o critério de escolha das

escolas por serem as duas maiores escola de Ensino Médio do município, uma situada na região periférica da cidade e a outra localizada na região central da cidade de Janaúba- Minas Gerais.

A seleção dos sujeitos pesquisados teve como critério o fato de haver apenas um professor de Filosofia em cada escola, devido à carga horária da disciplina. O critério de escolha dos estudantes é serem maiores de 18 anos e frequentarem regularmente as aulas de filosofia, dispostos a conceder a entrevista e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por não ter sido possível atender o primeiro critério de fazer a pesquisa na maior escola estadual do município, seguiu-se para a segunda maior escola do município.

1.4 Caracterização das escolas

1.4.1 Escola I

Inaugurada no dia 9 de fevereiro de 1978, na então gestão do governador Aureliano Chaves, a escola possui um total de 75 professores e três especialistas, com 15 salas de aula, acesso à internet banda larga com laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta e um pátio localizado à frente e ao meio da escola.

É uma escola estadual que está localizada em Janaúba, norte de Minas Gerais, e trabalha com o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e com Ensino Médio de 1º ao 3º ano. Atende a uma clientela de jovens e crianças oriundos de famílias de classe média baixa. Segundo dados da secretaria, a escola conta com 16 turmas de Ensino Fundamental II, na sede e no anexo, e com 17 turmas de Ensino Médio, sendo 14 na sede urbana e três no anexo rural, composta da seguinte forma: seis turmas de 1ª série, sendo uma no anexo; seis de 2ª série, sendo uma no anexo; e cinco de 3ª série, sendo também uma no anexo. Segundo o censo de 2017, a escola possuía um total de 1071 alunos, dos quais 3,4% são alunos acompanhados pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE). Do total de alunos matriculados, 42% utilizam do transporte escolar, em média 87 alunos são da zona rural de Janaúba. O bairro em que a escola sede se localiza não é distante do centro comercial da cidade e as ruas de seu entorno são todas pavimentadas. O local possui uma variedade comercial, como exemplo, de papelaria, restaurantes, padaria, dentre outros. Seu anexo está localizado na zona rural de Janaúba, na comunidade Jatobá.

1.4.2 Escola II

Inaugurada no ano de 1959, possui um total de 95 funcionários, com 15 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, acesso à internet banda larga com laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta e um pátio localizado à frente e ao meio da escola, cozinha, biblioteca, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e sala de secretaria. A instituição oferece água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública e lixo destinado à coleta periódica. Possui equipamentos como: TV, copiadora, impressora, aparelho de som, projetor multimídia e câmera fotográfica/filmadora.

É uma escola estadual que está localizada em Janaúba, norte de Minas Gerais, e trabalha com o ensino fundamental do 6º ao 9º ano e com Ensino Médio de 1º ao 3º ano. Atende a uma clientela de jovens e crianças oriundos de famílias de classe média baixa. Segundo dados da secretaria, a escola conta com 15 turmas de Ensino Fundamental II e com 10 turmas de Ensino Médio, composta da seguinte forma: quatro turmas de 1ª série, três de 2ª série, e três de 3ª série. A escola oferece ainda educação profissional, de acordo dados do Censo/2018.

A sede da escola está localizada, no centro da cidade e as ruas de seu entorno são todas pavimentadas e tem uma variedade de lojas comerciais, como papelaria, restaurantes, padaria, lojas de eletrodomésticos, vestuário, móveis e outros.

1.5 Da coleta de dados e agenda das entrevistas: o caminho alternativo

Logo após os contatos com as professoras e com as alunas, foram feitas as entrevistas, cujas transcrições foram feitas no Word. A entrevista foi estruturada de acordo com os objetivos da pesquisa, que busca compreender o papel do professor de Filosofia para a formação da autonomia de pensamento do educando e sua criação de conceito para o desenvolvimento das habilidades de pensamento.

1.5.1 Professores

O primeiro quesito para a entrevista com as professoras foi a identificação pessoal, o gênero, idade, formação, se é efetivo ou contratado. No que se refere à qualificação, a P(1) tem 34 anos, possui graduação em Filosofia pela UNIMONTES, é pós-graduada em Docência do Ensino Superior e é servidora efetiva da escola. P(2) tem 29 anos, é graduada em Filosofia pela UNIMONTES, e é servidora efetiva da escola pesquisada e atua ainda como professora designada em outra escola da rede estadual no município vizinho. Questionou-se também de que modo os professores preparam as aulas de Filosofia, e quais as estratégias de ensino que utiliza para as aulas, bem como sobre a metodologia.

1.5.2 Os estudantes

A identificação pessoal foi também o primeiro quesito da entrevista dos estudantes. Todas com 18 anos de idade, estão cursando o 3^a ano do ensino médio. Para as alunas foi perguntado se jeito da professora de ensinar os conteúdos de Filosofia na sala de aula contribui para a compreensão da disciplina, e se contribui ou não, explicar os motivos, entre outras questões que serão posteriormente abordadas.

O uso da entrevista semiestruturada se deu para que houvesse tanto presença do investigador, quanto também possibilitasse a espontaneidade do entrevistado, que poderá seguir sua linha de raciocínio durante sua fala, sem que haja cortes e quebra de pensamentos nos objetivos deste estudo.

Podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVINOS, 1987, p. 146) (grifos nossos).

De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 178), a entrevista proporciona o contato e o encontro diretamente com os sujeitos da pesquisa, simultaneamente “utilizada na investigação social para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um

problema social”. O critério para a escolha da professora está relacionado com sua atuação no ensino de Filosofia.

1.6 A organização dos conteúdos das entrevistas

Ao se fazer a organização, utilizamos a lógica da sequência das perguntas a qual se encontra no roteiro de entrevista. A princípio, as falas foram separadas de acordo com os critérios de análises de cada subitem do próximo capítulo: As estratégias de ensino dos professores na graduação de Filosofia; As aulas de Filosofia no Ensino Médio; A metodologia de ensino na visão do aluno, as necessidades dos estudantes de ensino médio em relação à (in) disciplina, e com a participação, motivação, interesse e rendimento do estudante no processo ensino aprendizagem no ensino médio nas aulas de filosofia. Logo após a transcrição, foi feita uma revisão geral nas falas com a finalidade de verificar se houve alguma falha durante o processo de transcrição.

Após a verificação, segue, pois para o próximo passo da pesquisa que foi a descrição sucinta da história da Filosofia no Brasil.

CAPÍTULO 2

O CONTEXTO HISTÓRICO DA FILOSOFIA NO BRASIL

2.1 A gênese histórica da filosofia

Neste capítulo apresentaremos um breve panorama histórico sobre a filosofia no Brasil. Essa retomada histórica considerará, em um primeiro momento, o surgimento da Filosofia na Grécia, na parte seguinte será priorizada a Filosofia no Brasil. “O início da filosofia científica não coincide, assim, nem com o princípio do pensamento racional nem com o fim do pensamento mítico. Mitogonia autêntica ainda encontramos na filosofia de Platão e na de Aristóteles” (JAEGER, 2003, p. 192).

A filosofia tem origem na Grécia, quando o conhecimento que trazia ordem para os povos era a mitologia. A palavra filosofia tem origem grega e significa amor à sabedoria, o filósofo é o amante do saber. Tradicionalmente, a responsabilidade do significado da palavra filosofia é dada ao filósofo Pitágoras de Samos (nascido no século V a. C).

A filosofia não surgiu em um espaço de tempo definido efetivamente. Para Werner Jaeger (2003, p. 193): “não é fácil traçar a fronteira temporal do momento em que surge o pensamento racional”, mas fruto de longa passagem do pensamento mítico ao pensamento racional. Ao longo do tempo, a filosofia infiltrou-se no pensamento mítico e o sucedeu. Nem milagre nem orientalismo em suas extremidades definem o surgimento da Filosofia, afirma Jean-Pierre Vernant (2002), mas aquilo em que ela transformou esses conteúdos resulta em algo totalmente inovador no pensamento humano.

As transformações ocorridas na Grécia levam o filósofo a querer ser ouvido por todos, fazem com que o homem passe a ter domínio de si e da natureza. Assim, a filosofia, que por vez é chamada de grega, por ter como berço a Grécia, tem sua história como uma racionalização progressiva a partir da concepção religiosa mitológica.

Com frequência se debateu a questão de saber como foi possível à filosofia grega ter começado com os problemas da natureza e não com os relativos ao homem. A fim de se tornar compreensível este fato importante, procurou-se corrigir a história, fazendo derivar do espírito da mística religiosa às concepções da mais antiga filosofia da natureza (JAEGER, 2003, p. 193).

Os filósofos pré-socráticos iniciam sua investigação pelos problemas da natureza. Tales de Mileto trazia, na sua investigação, a água como princípio e como “fundo inesgotável do qual tudo procede e tudo regressa” (JAEGER, 2003, p. 200). Pitágoras de Samos foi o descobridor científico de um novo tipo de ciência que tem como princípio das coisas o número.

Com o estudo dos problemas do mundo externo, inicia-se uma investigação do homem. O próprio Sócrates; Platão, seu discípulo; e posteriormente Aristóteles, direcionam suas investigações filosóficas para o campo da moral dos valores e da antropologia. Faziam parte ainda desse período os Sofistas, que expressavam a arte da persuasão, como Isócrates Protágoras e Górgias, dentre outros. O foco desse momento da filosofia, conhecida por filosofia antiga era a natureza. Assim,

(...) os grandes filósofos teóricos da natureza e seus sistemas não podem ser tratados isoladamente na sua conexão com a história dos problemas. Devemos antes julgá-los como grandes manifestações do espírito do tempo de encarar o que há de fundamental e inovador na sua atitude espiritual e a significação que ela tem para o desenvolvimento posterior da forma essencial do homem grego (JAEGER, 2003, p. 191).

Deus, como sendo o ponto de partida da Filosofia Medieval, era ponto dos estudos da possibilidade de conciliação da fé e da razão. Com a morte de Alexandre, o unificador das cidades-estados gregas, os ensinamentos do mundo grego clássico perdem espaço, ascendendo e ganhando força o cristianismo com o total domínio de Roma. Primeiramente com o movimento da Patrística, introduzindo novas ideias como a criação do mundo a partir do nada, a ideia do pecado original etc. (CHAUÍ, 2016). Somente após o século VIII d. C., com Santo Agostinho, a doutrina cristã passa a ter uma abordagem da filosofia clássica, iniciando a teologia cristã, levantando a explicação racional das verdades da fé. Logo mais essa doutrina passa a ser ensinada na escola e então passa a ser a Escolástica, visto que, quando os pensadores cristãos começaram a dar mais atenção às obras aristotélicas e platônicas e acharam pontos de compatibilidade entre o cristianismo e a filosofia clássica, em seguida levou a igreja a criar as primeiras universidades.

O problema central da filosofia cristã é o da conciliação das exigências da razão humana com a revelação divina. “O modo de abordar e solucionar esse problema caracteriza suas duas etapas e, mais particularmente a constituição, evolução e dissolução da escolástica medieval” (COSTA, 2005, p. 88).

A filosofia moderna surge inicialmente com um espírito novo na Itália, chamado Renascimento, no início do século XIV, ampliando-se nos séculos XV e XVI. Essa era a ideia de fazer reviver, sair do medievalismo. Separada da igreja, nascia a Filosofia secular humanista. Os humanistas colocaram em prática o uso da razão e da evidência empírica na investigação do mundo. Mudanças ocorriam nas sociedades europeias, tanto no plano econômico com a passagem do feudalismo para o capitalismo, como no campo político com a centralização de poder nas mãos dos reis. Assim também no plano religioso com a Reforma Protestante, a Contra Reforma e a Inquisição (CERQUEIRA, 2011).

Já não se podia admitir que a razão humana fosse capaz do conhecimento verdadeiro, nem crer na verdade universal e necessária como sendo a mesma em todo lugar, por isso o sábio se tornou cético, afirma Chauí (2016). O homem, visto como ponto de partida do Renascimento com capacidade humana de conhecer, é o ponto de partida da Filosofia Moderna e há uma expansão da mentalidade racionalista, em que o pensador moderno busca não somente conhecer a realidade e as leis que a regem, mas também exercer controle sobre ela com o objetivo de prever para prover, conforme Cotrim (2016).

A integração do raciocínio filosófico com o científico ficou a cargo dos filósofos da modernidade. Uma filosofia divergente ganhou corpo com a teoria de Bacon e Locke de que a sabedoria vem da experiência, e que a fonte do conhecimento está nos sentidos. René Descartes, tido como o fundador do pensamento moderno, tinha a crença de que a sabedoria vem da razão humana.

Questões como a natureza do Universo, que até então dominavam o pensamento, saíram da filosofia e entraram para a ciência. À filosofia, restaram perguntas de ordem epistemológica, existencial e política: “como podemos conhecer o que conhecemos?”, “qual é a essência do eu?”. A certeza chega ao fim com o filósofo Immanuel Kant, que muda o curso do pensamento filosófico. Com a sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant coloca limite à crença racionalista do entendimento, ao demonstrar como e por quê nossa racionalidade não é absoluta (ou não pode responder a tudo), mas que é resultado de interação do sujeito que conhece e o objeto conhecido (CHAUÍ, 2016).

Não se pode duvidar de que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência, porque, com efeito, como haveria de exercitar-se a faculdade de se conhecer, se não fosse pelos objetos que, excitando os nossos sentidos, de uma parte, produzem por si mesmos representações, e de outra parte, impulsionam a nossa inteligência a compará-los entre si, a reuni-los ou separá-los, e deste modo à elaboração da matéria informe das impressões sensíveis para esse conhecimento das coisas que se denomina experiência?

No tempo, pois, nenhum conhecimento precede a experiência, todos começam por ela. Mas se é verdade que os conhecimentos derivam da experiência, alguns há, no entanto, que não têm essa origem exclusiva, pois poderemos admitir que o nosso conhecimento empírico seja um composto daquilo que recebemos das impressões e daquilo que a nossa faculdade cognoscitiva lhe adiciona (estimulada somente pelas impressões dos sentidos); aditamento que propriamente não distinguimos senão mediante uma longa prática que nos habilite a separar esses dois elementos (KANT, 2008, p. 01).

Com o limite posto por Kant na pretensão filosófica de conhecer a realidade em si, o pensamento do século XIX tem uma reflexão de temas bem variados. O pensamento que abrange meados do século XIX até os dias atuais é conhecido por filosofia contemporânea. As Revoluções Francesa e Industrial dão uma nova cara à sociedade, propagando os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade e também avanços técnicos e científicos, reforçando a ideia de progresso e a confiança na ciência como caminho para um mundo melhor. As ciências humanas vão ganhando independência.

Após o surgimento do positivismo Comteano, e do Idealismo Hegeliano, de duas grandes guerras, chegando ao século XX, os filósofos dispuseram-se a pausar o avanço desenfreado científico-tecnológico que muitos intelectuais adotaram. O filósofo Theodor Adorno questiona se o homem não é manipulado pela sua condição social, segue criticando a opressão que a “indústria cultural¹” sobrepõe na “sociedade de massa²” (COTRIM, 2016).

Para Cotrim (2016), existe ainda o termo pós-moderno, que se aplica ao campo da filosofia em que há um grupo de pensadores que criticam e desacreditam no projeto da modernidade, de que a razão tecno-científica favoreceria a emancipação humana. O que há é uma visão fragmentária e a desabilitação das esperanças de dominar o mundo moderno diante de tantas mazelas sociais.

A filosofia permanece, pois, percorrendo os caminhos da história.

2.2 Filosofia no Brasil

¹**Indústria cultural** - O termo Indústria Cultural (em alemão Kulturindustrie) foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial.

²O termo **sociedade de massa** é utilizado para descrever a nova ordem social, que se caracteriza pela convivência de grandes grupos em um mesmo contexto social. Falamos em sociedades de massa geralmente quando nos referimos a um tipo de organização social bastante específico e recente.

A filosofia surge no Brasil no século XVI, no ensino secundário e superior com o plano de estudos da companhia de Jesus, o *Ratio Studiorum*. A duração do curso, assim como o de Letras Humanas, era de aproximadamente nove anos.

A ideia de filosofia no Brasil remonta à reforma da universidade portuguesa no século XVI. Em 1555, o rei D. João III confiou aos jesuítas o Colégio da Artes por ele fundado em 1548 junto à universidade de Coimbra e destinado ao ensino de latindade e filosofia. A partir de então, os jesuítas assumiram inteiramente o controle da instrução pública no reino de Portugal, o que perdurou até a metade do século XVIII. Essa consideração histórica é fundamental para compreendermos por que o ensino oficial de filosofia no Brasil Colônia se deu, ao longo de dois séculos, sob a vigência da *Ratio Studiorum*, método pedagógico da Companhia de Jesus que estabelecia o que e como ensinar (CERQUEIRA, 2011, p. 164).

Temos ainda a ascensão do cientificismo que marca o momento de transição entre o pensamento colonial e o do Brasil independente. A filosofia passa então a uma relação muito íntima com os ideais políticos, adotando o ecletismo que visa à conciliação das forças políticas. O ecletismo³ apresentava também uma aliança entre filosofia e religião e foi vista por Cloves Bento Beviláqua como uma filosofia que está impressa na alma brasileira (COSTA, 1964).

A questão religiosa veio reafirmar, no Brasil, o interesse pela filosofia da igreja (COSTA, 1964). Estudiosos do século XIX, como Soriano de Sousa, seguem o movimento espiritualista da Europa, ou seja, o cartesianismo, o ecletismo que se distancia da escolástica em termos de coerência.

Em meados do século XIX, novas ideias trazem a grande transformação na filosofia brasileira, o positivismo. Autores como Manoel Joaquim Ferreira de Sá, Manuel Pinto Peixoto, Francisco Brandão Júnior, fazem alusão ao pensamento de Comte. Foram eles, Tobias Barreto e Silvio Romero, que utilizam da ciência para modernização cultural, buscam novos rumos para pensar (COSTA, 1964).

Ainda que aluno de Tobias Barreto, Farias Brito apresenta rejeição ao pensamento positivista da escola de Recife. Brito acredita que o ideal grego clássico do *conhece-te a ti mesmo* deve ter condicionalidade com a ciência e, a partir daí, faz a distinção entre conhecimento e fé. A existência da filosofia no Brasil muitas vezes é questionada, mas a existência da compreensão e relação de autores, como Antonio Vieira, Tobias Barreto, Farias Brito e Silvio Romero, permite que se afirme que existe uma história da filosofia brasileira.

³ Ecletismo: método filosófico que busca a conciliação de teorias distintas.

2.3 Filosofia em Minas Gerais

O curso de Filosofia surge em Minas Gerais a partir de 1939, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), antes Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH). Este é dos mais antigos no Brasil e tem duração de quatro anos. Nessa mesma universidade, é oferecido ainda o curso de Mestrado em Filosofia, criado no ano de 1974, com concentração na área de filosofia contemporânea, tendo como primeiro coordenador o Prof. Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, considerado um dos maiores filósofos brasileiros e falecido em 2002. No ano de 1992, foi criado o Doutorado em Filosofia, que passa a funcionar, no ano de 1993, atendendo a quatro linhas de pesquisa: Estética e Filosofia da Arte; Filosofia Social e Política; Lógica e Filosofia da Ciência; História da Filosofia. Reformulado em 2010, as linhas de pesquisa sobem para seis, recebendo sempre muito boa avaliação da CAPES.

Na UNIMONTES, criada em maio de 1962 como FUNM, e que foi a primeira universidade do Norte de Minas Gerais, em 1963, surge a faculdade de Ciências e Letras, FAFIL. Após cinco anos de sua fundação, em 1968, começa a funcionar, na FAFIL, os cursos de Matemática, Ciências Sociais e Filosofia.

O curso de Filosofia da Unimontes aborda temas em relação a crenças e valores. A proposta deste curso é submetê-los ao exame crítico, racional e argumentativo, de modo que a nossa adesão seja restabelecida em novo patamar. Em outras palavras, a proposta filosófica é a de que, se é para sustentarmos certas crenças e valores, que sejam sustentados de maneira crítica e refletida. O profissional estará capacitado a trabalhar como docente no Ensino de Filosofia na Educação Básica, Fundamental e Médio. Estará apto a exercer a função de docência em escolas públicas e privadas, atuar como pesquisador na área do conhecimento filosófico, como assessor junto a órgãos públicos, escolas, empresas e outras entidades (MINAS GERAIS, 2017).

Ou seja, o curso de filosofia traz perspectivas profissionais em várias áreas, uma vez que a filosofia tem o ideal de dar sustentação racional a crenças e capacitar a pessoa a atuar em vários segmentos.

CAPÍTULO 3

CONCEITOS DE FILOSOFIA

3.1 Alguns conceitos de ensino e aprendizagem na Filosofia

Neste tópico, objetivo é retomar alguns estudos já realizados sobre a filosofia e seu ensino, bem como as estratégias didáticas utilizadas para o ensino de filosofia. Para tal, apresentamos neste capítulo um panorama a respeito do ensino de filosofia, como os especialistas têm abordado esta temática.

A relação entre filosofia e educação é rica, complexa, de longa história, afirma Kohan (2011). Nascendo com os pré-socráticos, essa disciplina já teve pretensões educacionais, pois esses pensadores já fizeram escolas de pensamento buscando reformular a educação corrente. A filosofia socrática é um caso singular, pois se confunde com a educação e, por isso, Sócrates foi condenado à morte sob acusação de corrupção dos jovens atenienses. Platão trazia um ideal de educação dualista em que, de acordo com os apetites da alma, cada um conquista seu espaço, formando assim um ideal intelectualista e aristocrático.

Kohan (2011) afirma ainda que, para Platão, a educação ateniense é deficitária, por isso, seguindo os ensinamentos de Sócrates, trabalha em seus textos com a ideia de que a educação favorece a formação política da sociedade e, portanto, é preciso educar pela Filosofia. Seguindo esse ideal platônico, os medievais, bem como os modernos, foram estruturando as ideias de educação. Mas, questionamentos acerca da filosofia seguem, inclusive, sobre a pertinência de sua permanência no currículo e o que ensinar.

Quer por motivos históricos de retirada e reintegração da filosofia no currículo escolar, quer por outros fatores muitas vezes desconhecidos, há uma insegurança nos estudantes, de modo geral, sobre o papel da filosofia no processo ensino aprendizagem. O ensino de filosofia tem por objetivo despertar nos alunos o interesse em recriar pensamentos, argumentando e fazendo crítica ao já pensado, para que possam dar sentido à suas vidas e não sigam a massa, mas que sejam seres autônomos. Desde sua criação, a filosofia se propõe ao exercício do pensamento. Alguns questionam se é possível ensinar filosofia, ou apenas a filosofar (GALLO, 2012).

Com a chegada dos jesuítas ao Brasil, o ensino foi introduzido na educação dos índios, que deixaram, aos poucos, o modo de educação geral de vida e passam a ter um ensino

escolarizado. Esse ensino tem caráter conservador escolástico, tomando como base os textos de São Tomás de Aquino. Com o nascimento dos colégios, a educação passa a atender um ideal renascentista da cultura humanística, que tem, no fundo, uma separação na educação dos índios e dos filhos de colonos, sendo estes últimos educados mais amplamente, além de ler e escrever.

Nessa perspectiva, desde então, a filosofia passa por processos de mudanças, aceitação e chega à recusa de ser ministrada como disciplina escolar, com a ditadura, em 1964, sendo banida. Nas idas e vindas da filosofia e sua melhor adaptação na estrutura curricular, ela torna-se optativa, até chegar a Lei nº 11.684/2008, que traz a obrigatoriedade da filosofia no currículo escolar brasileiro.

Nesse ambiente, a filosofia é questionada sobre a necessidade, sua utilidade e também sobre o que ensinar. Kohan (2011) afirma que muitos questionamentos sobre a obrigatoriedade ou não da filosofia recaem sobre o professor, inclusive o fato de não ter profissionais com formação para o exercício da docência. Mas o autor entende que à filosofia cabem múltiplos papéis, desde conteúdos, a ser uma atividade de transporte para o pensar o que é sua relação com o mundo, problematizando-o.

Os sentidos da filosofia na escola podem ser múltiplos: ensinar a pensar; transmitir valores; repassar uma tradição de história de pensamento; formar para a cidadania, etc. De certo modo, voltamos aqui à questão inicial, na medida em que ela pressupõe uma maneira de entender a filosofia. Numa tradição que remonta a Sócrates, poder-se-ia afirmar que esse sentido diz respeito a transformar os modos dominantes de saber e pensar ou a relação que se tem com eles. O sentido de tudo isso seria poder transformar os modos de vida mais mecânicos e poder tornar-se “o que se é”. Se assim for, não é claro que a filosofia, como transformação e busca do que se é, possa ser aprendida (muito menos ensinada) numa instituição como a escola, mas a atual conjuntura no Brasil possibilita um espaço onde temos a oportunidade de testá-lo. E nós que acreditamos na filosofia como potência para transformar o que somos e o modo como vivemos, temos o compromisso de não deixar passar a oportunidade em vão (KOHAN, 2011, p. 09).

Seguindo o pensamento de Walter Omar Kohan, o papel da filosofia na escola é o de levar muito mais que apenas conteúdos, mas “uma atividade que sirva de transporte para o pensar, para a experiência do que somos e a nossa relação com o mundo” (KOHAN, 2010, p. 210). O autor afirma que a educação, para que seja emancipadora, deve possibilitar a experiência do pensamento; assim, para tornar-se esse cidadão emancipado, o/a estudante do ensino médio deve ter a oportunidade de problematizar o mundo e as relações entre as

pessoas; a filosofia, nesse sentido, conserva-se como o espaço livre de interdições a esse exercício de pensamento, indispensável à assunção de sua cidadania.

No ensino médio, o papel da filosofia é o de despertar no estudante um olhar crítico para a sociedade que o cerca, com o objetivo de emancipar seu pensamento e educar seu discernimento, para que transite, com maior consciência, entre o que é certo e o que é errado, justo e injusto, sendo capaz de agir por si, à luz da sua razão e de seus afetos (CORNELLI; CARVALHO; DANELON, 2010). Assim:

[...] a responsabilidade da filosofia na sociedade e na escola permanece a mesma desde suas origens: contribuir com o processo de construção da autonomia crítica dos cidadãos, ensinando às novas gerações a repensar continuamente o mundo com suas próprias cabeças, a abrir espaços para sair de todas as cavernas, de todos os entraves à apreensão livre e crítica do viver (CORNELLI; CARVALHO; DANELON, 2010, p. 12).

No seu livro *Ensinar Filosofia*, Aspís (2009) aborda o que ensinar especificamente em filosofia. De acordo com a autora, é o ensino de Filosofia que permite ver a essência das coisas, levando os jovens a outro plano do seu pensamento com a criação de conceitos, ressignificando a vida. O ensino de Filosofia deve levar o que estuda a subversões. Conforme afirma a autora, criar novas versões além das propostas pelo senso comum, deixando de ser submisso às criações de outros ou “semear desejos de subversões seria uma fonte geradora de diferenças, cada um buscando ser ele mesmo, contra as obediências em massa” (ASPIS, 2009, p. 16).

Portanto, o ensino de Filosofia deve fazer o uso da história da Filosofia, permitindo ao jovem fazer um vínculo do texto com a história, de modo que ele aprenda a ler e escrever Filosofia, incitando-o a pensar de modo filosófico, para que possa fazer o que a Filosofia se propõe, produzir conceitos, dar novos significados ao já conceituado, o que significa que as aulas de Filosofia devam ser oficinas de produção de conceitos, laboratórios do pensamento. Não se deve ficar preso ao ensino dessa disciplina como apenas mais um conteúdo, ensinando somente características do pensamento de filósofos e repetição de teorias, mas é preciso um ensino ativo, que desenvolva o pensamento de criação de conceitos.

No entanto, o currículo de Filosofia se apresenta de modo indefinido, pois ao mesmo tempo em que se determina que a disciplina de Filosofia se faça necessária para a formação da cidadania, afirma-se que ela deve ser trabalhada de forma transversal. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 determinou a necessidade de conhecimentos de Filosofia no ensino médio, porém os Parâmetros Curriculares Nacionais do

Ensino Médio (PCNEM, 1999) dão à Filosofia um caráter transversal. Na sequência, será modificado em 2002, com Orientações Educacionais Complementares que vão dar ênfase à abordagem temática da Filosofia, o que modifica nas Orientações Curriculares produzidas pelo MEC, em 2006, que orienta aos professores o ensino de Filosofia com organização de abordagem histórica, com longa lista dos conteúdos. Esta não é a proposta de Aspis.

Quando desejamos um “ensino filosófico” da filosofia, isto é, um ensino de filosofia que convide os estudantes para a atividade filosófica, para que desenvolvam eles mesmos, cada um deles, a experiência do pensar filosoficamente, ensino de história da filosofia pode ser um grande risco (ASPIS, 2009, p. 53).

Isso não significa banir estudo da história da Filosofia, mas, segundo o pensamento de Aspis (2009), citando Deleuze que apresenta a história da Filosofia como “arte do retrato” que é importante para ensinar Filosofia, apresentando-se como força motriz para o pensamento junto à problematização dos temas. A presente proposta consiste em possibilitar ao estudante de filosofia experimentar o pensamento, utilizando como subsídio o conhecimento dos conceitos que foram produzidos ao longo da história pelos filósofos em seu tempo (ASPIS, 2009).

O que ensinar na Filosofia é uma das inquietações de seu ensino. Outra questão também se apresenta: Como ensinar Filosofia? Há métodos para tal ensino? Como ensinar Filosofia de maneira significativa? Amparamos no autor Silvio Gallo (2012), que em sua obra *Metodologia do Ensino de Filosofia*, traz a abordagem em torno da problemática do tema, fazendo das aulas de filosofia uma “oficina de conceitos”, em que os jovens movimentem-se rumo ao pensamento. A aula de Filosofia não pode ficar presa ao modelo de ensino tradicional (verbalização, onde o professor fala e o aluno ouve e memoriza), mas deve ser um momento de altivez dos educandos. Momento este em que tenham contatos que os levem a ter um sentimento de ignorância, para que desejem conhecer e possam dar uma nova significação à sua existência. Assim, as estratégias de ensino se pautam em etapas de sensibilização, problematização, investigação e, por fim, de conceituação, que é tratada por Gallo (2012) como *Pedagogia do Conceito*.

SENSIBILIZAÇÃO: Trata-se, nesta primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com que o tema “afete” aos estudantes. Sabemos que os conceitos só são criados para enfrentar problemas; e que só enfrentamos os problemas que efetivamente vivemos. Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos; é

preciso, para que eles possam fazer o movimento do conceito, que o problema seja vivido como um problema para eles.

PROBLEMATIZAÇÃO: Trata-se de transformar o **tema** em **problema**, isto é, fazer com que ele suscite em cada um o desejo de buscar soluções. Na etapa anterior, o objetivo era apenas afetar, chamar a atenção, motivar – se quisermos usar uma expressão pedagógica um tanto ou quanto em desuso. Nesse segundo momento, tendo a atenção mobilizada pela questão, o objetivo é problematizá-la de vários aspectos e em várias perspectivas.

INVESTIGAÇÃO: Trata-se de buscar elementos que permitam a solução do problema. Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que podem servir como ferramentas para pensar o problema em questão. Terá Platão se deparado com esse problema? Em caso afirmativo, como ele o pensou? Produziu algum conceito que tenha dado conta dele? O conceito platônico ainda é válido em nosso tempo? Ele dá conta do problema, tal como o vivemos hoje? E na modernidade, Descartes ou Spinoza lidaram com o mesmo problema? Criaram seus conceitos? São esses conceitos mais adequados ou menos adequados que aquele criado por Platão? Nessa etapa da investigação, revisitamos a história da filosofia.

CONCEITUAÇÃO: Trata-se agora de **recriar** os conceitos encontrados, de modo a equacionarem nosso problema, ou mesmo de **criar** novos conceitos. Aprendemos com Nietzsche e com Deleuze e Guattari que há parentescos entre os conceitos e que o mero deslocamento de um conceito do contexto em que ele foi criado para um outro contexto – o nosso próprio – é uma recriação do conceito, pois ele já não é mais o mesmo (GALLO, 2012, p. 95-98) (grifos do autor).

Tanto Aspis quanto Gallo explicitam passos fundamentais para a criação do conceito. Uma proposta didática deve ser seguida, o que não significa dizer que se engessará o método de ensino, tampouco estabelecerá até onde deve acontecer o aprendizado. O que é preciso entender é que o professor/professora deve pensar coerentemente o modo de ensinar e quem será seu público, para que o processo de se fazer filosofia seja exitoso.

No caminho da Pedagogia do Conceito, o primeiro momento que se dá com a sensibilização deve possibilitar aos estudantes se afetarem com o problema filosófico por meio de atividades que façam parte de suas vivências. Tão logo o professor torne o tema um problema, desenvolverá no jovem uma suspeita em relação às certezas estabelecidas em suas vivências. Assim sendo, há uma tendência à investigação em busca da solução do problema em questão, passando pela história da Filosofia chegando à conceituação, que é a criação de novos conceitos. Esta é a tarefa da Filosofia (GALLO, 2012).

Esta proposta de estudo segue as trilhas por investigação de como se dá a prática dos professores da disciplina de Filosofia, no município de Janaúba /MG, de compreender o papel do professor de Filosofia para a formação da autonomia de pensamento do educando e sua criação de conceito. Esta proposta se dirige ao conhecimento das condições formais da oferta da disciplina, da formação docente e, principalmente, levantamento das escolhas dos

professores em relação aos conteúdos e às estratégias para ministrá-lo. Bem como a receptividade dos estudantes a essas propostas, repensando seus pertencimentos, seu pensamento, e o que exclui suas escolhas e seus silêncios, os objetivos confessos e o que deixam escapar.

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...] Criar conceitos sempre novos, é o objeto da filosofia. É porque o conceito precisa ser criado que ele remete ao filósofo como aquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência[...] Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam [...] Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos? (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13).

É importante que se saiba que esse conceito não é o mesmo abordado pelo senso comum, mas é algo que faz parte dos problemas experimentados, ou seja, é o começo da filosofia.

3.2 A formação docente: entre professores e filósofos

Ao analisar a formação docente em filosofia, encontra-se lacunas que precisam ser visitadas para serem também supridas, como por exemplo as orientações da prática em sala de aula.

Um professor de filosofia não se “forma” tão somente ao adquirir alguns conteúdos filosóficos e outros pedagógicos, para então em seguida justapô-los. Em realidade, vai se aprendendo a ser professor desde o momento em que se começa a ser aluno. Em grande medida, se é como docente o aluno que se foi (CERLETTI, 2009, p. 55).

Assim como afirma o autor, é importante que, ainda como aluno, o futuro docente possa ir absorvendo a postura que se deve adotar no exercício da profissão. A partir desse ponto, é possível dizer que o professor do ensino médio deve, desde a sua graduação como licenciando, ir refletindo sobre sua prática.

A formação continuada é uma necessidade para atuar no processo educacional, uma vez que o mundo está em constante mudança, os estudantes estão em busca de coisas atraentes e não mais mera informação por leituras simplistas, mas algo que seja motivador e que os faça de fato refletir para criar subversões.

Os curso de filosofia, ainda que seja licenciatura em alguns casos, tem uma característica muito maior de bacharelado do que licenciatura no que tange à modalidade de ensino. As aulas giram em torno de leituras filosóficas estabelecidas pelos professores, em geral com conteúdos específicos de filosofia, deixando a parte didático-metodológica para o momento da experiência profissional efetivamente. Isso compromete seriamente a formação do professor, uma vez que: “Em grande medida, acaba-se por ensinar como ‘se foi ensinado’” (CERLETTI, 2009, p. 56).

Ao chegar diante de uma sala de aula é que se percebe verdadeiramente o que é estar à frente de um processo de ensino. Isso nos remete ao quão poderia/deveria ser mais proveitoso o período de preparação na graduação, pois mesmo que não há mágica para ser um bom professor, é fundamental que, além de coragem e disposição, se tenha preparo constante para orientar os alunos a recriar e a produzir conceitos. Sendo assim, os professores de filosofia devem estar “comprometidos como a construção da ‘sua’ didática com base na sua concepção de filosofia” (CERLETTI, 2009, p. 63). Desse modo, o professor de filosofia deve ser protagonista de sua formação, retomando o conceito de formação e autoformação.

“Nós afirmamos: o professor de filosofia deve ser filósofo” (ASPIS, 2004, p. 310). É na aula de filosofia que se filosofa e não apenas repete pensamento, ideias. O que se espera é que o professor de Filosofia possa incitar os estudantes a ser eles mesmos, a criar soluções para as questões da realidade, assim é preciso que se pense o real e que as aulas de Filosofia se iniciem a partir das necessidades dos estudantes.

CAPÍTULO 4

AS PRÁTICAS FILOSÓFICAS EM SALA DE AULA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Estratégias de ensino

4.1.1 Leitura de livros e muita verbalização

Seguindo a sequência desta dissertação, neste capítulo será apresentado o eixo de discussões dos dados adquiridos. Ao perguntarmos às professoras a respeito da prática pedagógica do professor de filosofia na graduação, a resposta é rápida e incisiva: “Livro, livro e livro. Apresentava algumas coisas, leitura, resenha. Eles falavam. Eles liam os livros pra gente. Era um ensino tradicional. Na aula o centro era o professor” (P1). Na mesma direção outro professor comenta: “Apresentavam slides em data show, a aula era expositiva, uma passava filme, passava material antes para discutir na sala” (P2).

Conforme extrato, a professora indica que o instrumento utilizado pelo professor ainda está vinculado à pedagogia tradicional⁴. Representante dessa escola,

John Locke (1997), filósofo empirista (1632-1704), dizia que não há nada em nossa mente que antes não tenha passado em nossos sentidos. Ou seja, a pessoa nasce sem conhecimento algum, mas com o passar do tempo pode ir adquirindo a medida que vai assimilando o mundo à sua volta por meio da experiência (SETUBA; MALDANER, 2010, p. 02).

Nesse sentido, o fato de o professor verbalizar leituras de textos na sala de aula revela que ele acredita que vai preenchendo o vazio que existe na cabeça do aluno. Na verdade, a ideia que o professor de filosofia repassa ao graduando na sala de aula é que ele

⁴ Pedagogia tradicional é aquela em que as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos (SAVIANI, 1999).

precisa estar lá, à frente, lendo, verbalizando as leituras comentadas para seus alunos e essa é, seja na sua concepção, a melhor maneira de aprender filosofia.

É por isso que, ao perguntamos se as estratégias utilizadas no espaço de sala de aula na graduação de filosofia ajudou-a na segurança metodológica em sua prática pedagógica, responde de forma incisiva que não, e acrescenta: “Você fica quatro anos estudando filosofia. O que você não dá conta, os professores não te ensinam. No ensino médio você é que tem de criar estratégias, trazer palavras do dia a dia, comparar com a vida do aluno. Fiz estágio, mas não tive metodologia. Cada livro trazia algo” (P1). Na verdade, acreditamos que o que faltou na graduação e que deixou a estudante sem saber o que fazer foi compreender que profissional quer ser e em que o mesmo pode contribuir na construção da sociedade.

Para tentar amenizar essa falta de aprendizado na graduação, a professora vai tentando resolver seus desafios metodológicos para tentar ensinar seus alunos na sala de aula, baseada no empirismo pedagógico. Podemos afirmar que a mesma concepção de ensino na qual a professora foi ensinada na graduação é retomada, ou seja:

a mente é uma tábula rasa cujas experiências vão preenchendo, também se revela na prática da professora. Se ela não aprendeu no decorrer dos quatro anos na universidade, o caminho é de tentativas, erros, acertos de experimentações em sua prática pedagógica, pois as ideias não são inatas, são frutos de experimentações (LOCKE, 2001, p. 174-177).

Na verdade, o estágio, que poderia contribuir para instrumentalizar a prática da professora e instrumentalizá-la na relação teoria e prática, não foi realizado. Sabemos o quanto é necessário e desafiador o estágio, já que ele prepara os jovens para os desafios no processo de ensino e aprendizagem. O estágio é uma tentativa de oportunizar a formação profissional inicial de professores na construção do conhecimento e da prática docente e articular a teoria à prática.

4.1.2 No Ensino Médio

Ao serem questionadas sobre como preparam as aulas de filosofia, e como optam em trabalhar, por temas ou pela história da filosofia, as professoras 1 e 2 nos responderam que fazem uso da internet e do livro didático, abordando o conteúdo a partir da história e de temas, uma vez que a escola carece de recursos para diversificar. Ainda disseram que, com o tempo

de apenas 50 minutos de aula por semana, ficava inviável trabalhar com métodos mais elaborados, tais como vídeos que, em poucos momentos, são criados pelos estudantes de acordo com a temática debates e seminários. A professora 2 utiliza como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o livro didático (sempre mais de um exemplar para fazer recortes) e a internet. A professora coloca ainda que as aulas são expositivas, com atividade para fixar o conteúdo, uma vez que para trabalhar com vídeos ocorre muitos contratempos na escola, que inviabilizam a proposta.

Com efeito, nas aulas de filosofia, conforme afirma Silvio Gallo (2010), nenhuma obra sozinha dá conta de responder às finalidades da filosofia no ensino médio. O ideal é que, além do livro didático, textos dos próprios filósofos sejam trabalhados, assim como filmes, músicas, poesia e tantos outros meios que possam sensibilizar os estudantes para a abordagem dos temas e problemas filosóficos.

A maioria dos professores adota o livro didático (manuais), ou compõe apostilas com formato semelhante ao do livro didático. Muitas vezes o trabalho limita-se à interpretação e contextualização de fragmentos de alguns filósofos, ou de debate sobre temas atuais, confrontado com pequenos textos (KOHAN, 2004, p. 272).

O processo ensino e aprendizagem deve ter como foco a altivez do aluno na construção de seu conhecimento. Para Berbel (2011), o despertar da curiosidade, as análises, contribuições e a persistência do aluno no processo de conhecimento são potenciais desenvolvidos pelas metodologias ativas. Assim, essas metodologias, ao serem utilizadas, revelam potencialidades que cada aluno tem em si. As metodologias ativas são propostas diferenciadas de ensino e aprendizagem, que têm o ideal de centrar o processo de ensino e aprendizagem no aprendiz, aquele que, no ensino tradicional, está na condição apenas de receptor. Ouvir explicações na sala de aula colabora para que ocorra aprendizagem, mas é preciso que o aluno experimente fazer, que ele assuma o comando de sua aprendizagem. Embora, de acordo com a professora, “trabalhar com filmes não é possível. A menos que assistam em casa para debater na sala de aula. Indico alguns como sugestão, e alguns dos alunos assistem”.

O fato de a disciplina Filosofia ser ministrada apenas uma vez por semana, com o horário de 50 minutos, agride fortemente um dos objetivos que tem a Filosofia dispostos no PCN 2008 que é, em seu ensino na formação básica do estudante, estimular uma postura crítica e capacidade reflexiva necessária para que se orientem em um mundo convulsionado por profundas mudanças de valores e aberto ao acesso de todo tipo de informação. Desse

modo, a filosofia fica com papel coadjuvante no ensino, quando a mesma tem papel principal propiciando ao estudante a ter subversões, repensando o já pensado e recriando conceito. É necessário um tempo bem maior para que a reflexão possa acontecer, pois para isso demanda um momento de sensibilização sobre o tema/problema para criar as estratégias de investigação para enfim conceituar e então gerar o conceito. Isso significa mais tempo.

4.1.3 Visão do aluno

Em relação à metodologia, questionamos às alunas as formas e procedimentos de ensino de seus professores de filosofia no ensino médio. Perguntamos como é a forma e o modo de ensinar a disciplina de filosofia, os conteúdos propostos e a metodologia utilizados pelo professor na sala de aula, e se contribuem para a compreensão da disciplina. Nesse sentido, a estudante disse que: “De certa forma sim. Tem coisas que eu não sabia direito e acabei aprendendo. A partir do tema proposto exercita o pensamento” (E1).

No entanto, percebemos, em seu depoimento, certa contradição. Ele destaca que essa metodologia ou estratégia poderia ser mais dinâmica. “A metodologia utilizada se dá a partir de textos para que se faça a leitura, acompanhado de perguntas para responder no caderno. O método ajuda, mas poderia ser mais dinâmico”. E2 comenta: “Nos anos anteriores sim. Ler livros, fazer debate, interessante. Agora, é livre, muita bagunça.” Conforme afirma Menegassi,

Nessa opção, o professor não interage com os alunos, já que não cria perguntas próprias que possibilitam a interação em sala de aula; ao contrário, somente o emprego das perguntas propostas pelo livro didático não propicia condições, para que a criatividade e a criticidade do professor e dos alunos surjam. É certo que, em muitos casos, as perguntas do livro didático auxiliam o professor, todavia, o apego exacerbado não demonstra ser completamente benéfico. (MENEGASSI, 1999, p. 84).

Nesse passo, a elaboração de questões que aproximem a realidade do estudante com o tema trabalhado possibilita maior envolvimento do aluno com o conteúdo e com a tomada de posição, adquirindo uma postura crítica diante da realidade. Diante do exposto pela aluna, verifica-se que vai ao encontro do que nos apresenta Menegassi, a dinâmica na sala de aula contribuiria mais para a compreensão da disciplina.

A estudante E1, inclusive, dá sugestão sobre métodos de ensino que funcionariam bem em sua turma, afirmando que sua proposta inclusive já foi testada. “Igual ao que a professora de sociologia faz: ela explica a matéria durante o bimestre e, ao final, faz uma espécie de jogo, isso em grupos para que possamos responder às questões.” E acrescentou que essas questões não são necessariamente as dos livros didáticos.

O método de ensino por metodologias ativas, que tem como centro o aluno e que busca aprendizagem significativa através de experiências criadas ou reais, para que os mesmos possam solucionar e assim adquirir promoção na mudança conceitual pode ser nesse momento, ante a fala desta aluna, uma metodologia a ser trabalhada. A aula não pode ficar presa exclusivamente ao modelo de ensino tradicional, mas deve ser um momento para atividade do aluno, que proporcione o contato com o que os leva a desejar conhecer e possa dar um novo significado ao conhecimento. Assim, as estratégias de ensino são pontos chaves para a aprendizagem eficaz. Para que o aluno crie novos conceitos, no primeiro momento é preciso afetá-lo com o problema do conteúdo, por meio de atividades que façam parte de suas vivências (GALLO, 2012).

Acreditando que as aulas de filosofia podem contribuir para sua formação crítica e cidadã, auxiliando-a no exercício da cidadania, a estudante E1 expõe que é possível “pensar mais e em coisas que nem imaginava e isso ajuda na formação como pessoa”. Tão logo o professor torne o tema um problema, desenvolverá no aprendiz um sentimento de necessidade de resolvê-lo e, para tal, fará leituras e atividades que possibilitem a tarefa. É importante que, ao conhecer o conceito, o estudante tenha condição de aplicá-lo novamente, possibilitando um saber libertário e construtivo, não sufocante e limitador.

Ainda sobre o questionamento acima em relação à didática e metodologias usadas nas aulas de filosofia e sua contribuição para o entendimento da disciplina e produção de conceito, E3 diz: “É médio, parece que tem um certo esforço da professora mas nem sempre dá certo. Digo, falta muita coisa na escola, além de o tempo ser pouco”. O estudante 4) também fala: “Há em alguns momentos uma aula diferente, com vídeos, textos interessantes, mas é de vez em quando. Também se a professora for fazer isso sempre num dá tempo dá aula, porque tem que ter matéria para a prova e se conversar demais não dá”. Para os professores e alunos é de comum acordo que, ainda que haja um esforço para fazer acontecer as aulas de Filosofia do modo que seja possível exercitar o pensamento, produzir conceitos, gerar conhecimentos, alguns fatores na escola tornam-se empecilhos, inclusive o pouco tempo disponível pelo sistema de ensino.

De acordo com Walter Omar Kohan (2004), o papel da filosofia na escola é o de levar muito mais que apenas conteúdos, mas uma atividade que sirva de transporte para o pensar, para experiência do que somos e a nossa relação com o mundo. O autor afirma ainda que a educação deve ser emancipadora e, para tal, deve possibilitar a experiência do pensamento. Assim, para se tornar um cidadão emancipado, o estudante deve ter a oportunidade de problematizar o mundo e as relações entre as pessoas. Nesse sentido, o ensino livre de interdições ao fazer, mas com orientações realizadas pelo professor mediador da ação, desperta no estudante o fazer criativo e autoral.

4.2 O professor de Filosofia e as necessidades dos estudantes de Ensino Médio: (In)Disciplina

Questionada sobre o preparo dos professores de filosofia para atuarem no ensino e lidarem com as necessidades dos jovens, as estudantes responderam que eles não estão preparados, E1 cita que “o professor deve ter mais atitude. Além do professor que chega, senta e que não explica nada, ainda tem a falta de domínio nas questões de sala de aula, no sentido da indisciplina dos alunos”. Como explica E2: “Os alunos são difíceis, mas o professor deve saber enfrentar tudo isso. Ela não expressa bem, chega estressada e desconta no aluno. Os alunos ficam sem resposta se perguntarem duas vezes, pois ela se irrita”. E3 também diz que: “Os alunos são um pouco bagunceiros, mas a professora dá uns sermões lá aí melhora”. E4 fala: “Às vezes a gente conversa muito, alguns não fazem as atividades, mas no final as coisas se resolvem”.

A questão da indisciplina tem sido assunto constante na escola, diante das mudanças sociais. De que modo os docentes podem superar a indisciplina em suas aulas? De acordo com Dopp e Ribeiro (2014), não há soluções mágicas para resolver essa problemática, o que temos são direcionamentos para enfrentarmos o problema. E ainda continuam:

Mesmo com suas limitações, em geral, os professores exercem muita influência sobre seus alunos, podem lhes dar grande contribuição em suas vidas. Nesse sentido, não devem se restringir à mera transmissão de conteúdos programados; precisam frequentemente refletir sobre atitudes que dificultam o relacionamento interpessoal. Professores focados apenas em conteúdos não priorizam o aluno como um ser afetivo, o que pode gerar falhas na disciplina (DOPP; RIBEIRO, 2014, p. 129).

Por conseguinte, é importante que, além do conteúdo, o professor se ocupe ainda da humanização, para que possa lidar com o conflito, solucionando-o na sala de aula. Isso será possível, ainda, por meio do diálogo. A boa comunicação fortalece a confiança e o respeito e dá espaço à compreensão e criação de vínculos afetivos. Essa postura colabora ainda com os objetivos propostos pelos PCNs sobre cidadania.

4.3 Participação, motivação, interesse e rendimento do estudante no processo ensino aprendizagem no Ensino Médio nas aulas de filosofia: visão do professor

Costumeiramente, analisa-se o rendimento escolar dos alunos. Inclusive essa é uma prática dos órgãos governamentais de educação. Por iguais razões, questionamos à professora se os alunos demonstram satisfatório rendimento no processo ensino aprendizagem em relação aos conteúdos de filosofia. A resposta foi relativista: “Dependendo do conteúdo sim. Quando o conteúdo desperta interesse do aluno. No início sim, quando fala de outros temas que não interessam, não envolvem. Outros momentos, temas como política rende, eles pesquisam” (P1). Já a professora 2, afirma que não sabe mais o que fazer para despertar o interesse dos alunos, pois os mesmos solicitam aulas diferenciadas, quando é para participarem ativamente, não querem, desse modo o rendimento deles não é satisfatório e ainda demonstram preconceito com a disciplina em relação à não reprovação.

Berbel (2011) orienta que é o professor o intercessor para promoção da autonomia do estudante, e é responsável por criar, participar, perguntar e responder no processo ensino aprendizagem. O professor deve encorajar seu aluno, acolhendo suas ideias e atitudes, apoiando de modo que o discente possa se apoiar para continuar evoluindo na capacidade de se autogovernar e encontrar soluções para as adversidades. Dessa forma, na vivência social, este que aprendeu a autorregular-se, a reinventar a realidade, solucionando problemas surgidos, terá maior êxito e exercerá, de fato, participação, interesse e cidadania. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

A motivação dos alunos tem um grande avanço, uma vez que são autores do conhecimento e tendem a melhor desempenhar suas necessidades de aprendizagem, e ainda aqueles alunos com dificuldade de aprendizagem seguem com um ritmo colaborativo e crescente em que suas necessidades são avançadas.

O interesse e participação do estudante na/pela disciplina são fatores que auxiliam no nível de conhecimento dos alunos em relação ao conteúdo, participação esta que, de acordo com a professora 1, é da seguinte forma: “Participam ativamente. Têm sustentação nas suas opiniões. Têm noções profundas”. Ainda questionada sobre esse nível de conhecimento dos alunos pela disciplina, a professora coloca que, em uma escala de zero a dez, ela atribui a nota de sete a oito para o nível de conhecimento, e continua: “Tem de quebrar barreira da não importância da disciplina.” Ainda que a discussão sobre a obrigatoriedade da filosofia ainda siga acompanhada de desacordos. As discussões havidas, quando da regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, tendiam para a percepção de que, sem o status de disciplina, a Filosofia, nas escolas, perderia força, sendo a proposta de sua existência como “conteúdo transversal” apenas outra forma de diminuir sua importância em relação às demais disciplinas.

RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa nos aponta que as estratégias e metodologias de ensino utilizadas nas aulas de Filosofia estão longe de ser o que os autores propõem e que seria objetivo da Filosofia, na questão de formar um cidadão emancipado com criticidade. Após a leitura das categorias acima sobre as estratégias de ensino do professor no ensino médio, participação, motivação e rendimento do aluno nas aulas de Filosofia, faz-se um balanço do modo que está o ensino de Filosofia nas escolas. Desde a graduação, o que se tem é uma utilização predominante do livro, seguido de muita verbalização, raras vezes com a participação direta do estudante, ficando a aula centrada no professor. Assim, é possível inferir que a metodologia na graduação não atende às necessidades de preparação do futuro professor, que atenderá a um público jovem e que carece de estratégias metodológicas que possam viabilizar o fazer Filosofia e então filosofar.

O Estágio Curricular Supervisionado, indispensável na formação de docentes nos cursos de licenciatura é um processo de aprendizagem necessário a um profissional que deseja realmente estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira e deve acontecer durante todo o curso de formação acadêmica, no qual os estudantes são incentivados a conhecerem espaços educativos entrando em contato com a realidade sociocultural da população e da instituição. Como preparação à realização da prática em sala de aula, o tradicional estágio se configura como uma possibilidade de fazer uma relação entre teoria e prática, conhecer a realidade da profissão que optou para desempenhar, pois, quando o acadêmico tem contato com as atividades que o estágio lhe oportuniza, inicia a compreensão aquilo que tem estudado e começa a fazer a relação com o cotidiano do seu trabalho (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 02).

A partir das pesquisas, é inegável verificar que, além da preparação do professor na graduação, as estratégias metodológicas também ficam comprometidas por conta do tempo disponibilizado para as aulas de filosofia, 50 minutos por semana, e ainda a carência de recursos disponibilizados na escola e também pelos estudantes. Desse modo, com tempo tão escasso, a proposta de Gallo, de etapas para o ensino de filosofia, quais sejam: sensibilização, problematização, investigação e, por fim, conceituação fica difícil de ser executada, mesmo sendo uma proposta que se adequa necessariamente com as disposições dos PCNs de estímulo crítico ao estudante.

Além do fator tempo, os métodos de ensino pouco auxiliam na compreensão de conteúdos da disciplina, uma vez que o público jovem atual, de uma realidade convulsionada com mudanças a todo tempo, requer uma dinamicidade de interação com o professor e com os

textos. Ele tem de participar, criar e ser protagonista de seu aprendizado. O estudante sai da zona de conforto, em que é receptor, e participa das discussões, desenvolvendo competências e exercendo suas capacidades criativas e transformadoras. A orientação para a promoção da autonomia, auxiliando o estudante a criar e participar ativamente do processo ensino aprendizagem é responsabilidade do professor, afirma Berbel (2011). Assim, a proposta de Koahan (2011), de que a filosofia seja transportadora para o pensar pode ser alcançada. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Vale lembrar que o público de estudantes atual tem um perfil de inquietude e agitação bem preponderante e foi possível identificar que há uma busca por parte dos alunos por um professor com condições de equilibrar essa postura arredia, conhecida como indisciplina, o que desfavorece o aprendizado de modo geral.

Para os professores, ainda falta interesse do aluno para aprender filosofia. Têm memória seletiva, no universo macro. Este é dos fatores complicadores para a melhoria da aprendizagem, além de, ainda, o *status* da disciplina não ser o mais adequado pela comunidade de modo geral, que ainda discute sobre sua existência, se como disciplina obrigatória ou facultativa e transversal.

Em análise última, conclui-se que tanto aluno quanto o professor concordam que um ensino que promove a experiência do pensamento leva o educando a ser autor de sua vida, torna-o crítico, desperta o seu desejo de conhecer. O modo como se propõe a aprendizagem do conteúdo faz toda diferença de como a aprendizagem vai acontecer.

ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Necessito ‘ferramentas’ para dar aula”, “quero ‘instrumentos’ para poder ensinar”, ou até em alguns casos, “eu já aprendi os conhecimentos básicos de minha especialidade, agora o que preciso é aprender a ensiná-la etc. (CERLETTI, 2009, p. 07).

O modo como ensinar filosofia deve ser construído dia a dia “ensinar implica assumir um compromisso e uma responsabilidades muito grandes” (CERLETTI, 2009, p. 09). Conforme já mencionado, o ensino de filosofia deve incitar a criação do conceito, ou seja, a produção de conhecimento, questionando os valores e as normas, analisando seu significado social e não apenas aceitando-os sem fazer uma crítica.

O ensino de filosofia não pode ficar subordinado à reprodução de saberes a partir da sua história, nem tampouco das temáticas, mas deve construir novas possibilidades, transformar o mundo e formar cidadãos e/ou sujeitos que façam a crítica da realidade vivida e pensem nos problemas de seu mundo.

Para ensinar filosofia pode-se partir dos problemas dos filósofos, trazendo estes problemas para o tempo presente, recriando respostas. Ao professor de filosofia cabe desconstruir a ideia de utilidade da filosofia e findar com a obviedade das coisas, marcas da atualidade capitalista, e então auxiliar o educando a se situar no mundo, de modo que ele evite que outros pensem por ele.

Face às leituras feitas até aqui, é possível indicar algumas orientações para o ensino de Filosofia. Trabalhar o ensino de Filosofia por meio de temática ou pela história da filosofia não é o ponto mais importante para se pensar, mas é preciso pensar estratégias didáticas de ensino para que a mesma não se torne apenas mais uma disciplina para compor currículo e obedecer as institucionalizações que forjam uma “tal liberdade” dos jovens para torná-los subservientes aos interesses do Estado. O ensino da filosofia deve estar atrelado à ideia de liberdade de pensamento para que seja possível recriar o conceito. E para tal é necessário levar em consideração o que vai ensinar e como vai ensinar, além de para quem se vai ensinar, uma vez que não se deve desconsiderar o mundo sociocultural do aprendiz.

Para proporcionar esse ensino “libertador e criativo”, o professor deve atualizar sua didática acrescentando um *status* filosófico no currículo institucionalizado, questionando filosoficamente seu educando, ou seja, “colocando-o na antessala de desafios que em última instância, são pessoais” (CERLETTI, 2009, p. 80).

Tanto o perguntar filosófico, (ir além do previsível, sem se satisfazer com a primeira resposta dada), quanto proporcionar a leitura de textos filosóficos devem fazer parte da didática filosófica do professor de filosofia, que deve pautar o ensino por meio da problematização e a possível resolução do problema. Para a problematização,

podemos promover discussões em torno do tema em pauta, proporcionando situações em que ele possa ser visto por diferentes ângulos e problematizado em seus diversos aspectos. Nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e às opiniões cristalizadas (GALLO, 2012, p. 97).

Para a tentativa de resolução do problema, deve-se passar pela investigação em busca de elementos que viabilizem essa solução.

Nessa etapa da investigação, revistamos a história da filosofia. Ela não é tomada como centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas. [...] revisitamos a história, interessados por nosso problema, o que faz com que tenhamos uma visão particular da história da filosofia. Serão as várias revisitas a ela, balizadas por diferentes problemas, que possibilitarão uma visão mais geral e abrangente dela (GALLO, 2014, p. 97).

É importante ressaltar ainda que, além da metodologia ser filosófica, assim como o conteúdo, os professores devem estimular a vontade, “dar lugar ao pensamento do outro” (CERLETTI, 2009, p. 87). Deve pensar o quê, como e para quem vai ensinar filosofia, uma vez que todos esses pontos serão imprescindíveis para o aprendizado da mesma. Deve se saber que no decorrer do tempo de sua prática, sua didática vai se alterando, situação que se faz necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo buscamos problematizar quais são as estratégias pedagógicas utilizadas pelos os professores de Filosofia que atuam no Ensino Médio em duas escolas da cidade de Janaúba. Além de provocar as seguintes discussões: 1) O curso de Filosofia tem preparado os acadêmicos para o enfrentamento da prática pedagógica na sala de aula no ensino médio? 2) Quais estratégias e metodologias o professor utiliza para provocar nos alunos a fagulha do pensamento? 3) Quais são os parâmetros para o professor escolher os conteúdos de Filosofia? 4) Os estudantes consideram os conteúdos de Filosofia relevantes para a sua formação e cidadania?

Na introdução foram apresentados os motivos para a realização deste trabalho, enfocando os objetivos da filosofia que estão dispostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como a trajetória do ensino de filosofia no Brasil. Como referencial teórico relacionamos os autores que tratam do ensino da filosofia e os métodos didáticos como, Walter Kohan (2003) e Silvio Gallo (2012). A vontade de realizar um estudo que tratasse das estratégias metodológicas no ensino de filosofia surgiu por ministrar aulas da disciplina concomitante a estudos feitos sobre metodologias de ensino e aprendizagem satisfatória.

Desse modo, a fim de compreender as estratégias de ensino utilizadas na disciplina de Filosofia no ensino médio, efetuei uma pesquisa sobre como são ministradas as aulas de Filosofia em duas escolas do município de Janaúba, tendo em vista a importância de pensar o ensino de filosofia, e focando nesse tema, propus-me a conhecer quais as metodologias e estratégias usadas no ensino de Filosofia em duas escolas públicas do município de Janaúba-MG. No entanto, foi possível perceber que o marco teórico que sustenta este trabalho forneceu a possibilidade de responder às inquietações que nos trouxeram a essa problemática. A criação do conceito e a emancipação pretendem ser o modo de se fazer filosofia, buscando que o educando se sinta afetado.

Em seus discursos os alunos manifestaram que falta domínio do professor em relação a (in)disciplina dos colegas, falta de tempo maior para as aulas de filosofia e ainda faltam estratégias diferenciadas; que por motivo de falta do professor ou da escola, no sentido de preparo e recursos, as mesmas não acontecem. A aluna comenta que a filosofia auxilia no exercício do pensamento autônomo, ao mesmo tempo em que sugere métodos de ensino mais dinâmicos, o que contribuiria em grau mais elevado para a compreensão da filosofia e seus

desdobramentos. Este pode ser um espaço para a inserção de metodologias ativas como estratégias de ensino que possibilitem a aprendizagem eficaz e para a criação de conceitos.

Por outro lado, com esta pesquisa foi possível perceber que as estratégias das professoras ainda estão vinculadas à pedagogia tradicional, em que são usados livros e questionários para o ensino da filosofia. O que, de acordo com as entrevistadas, é a forma como aprenderam em sua formação acadêmica e como foram “ensinadas”. A prática se dá dessa forma também, cita a professora, pela falta de recursos disponíveis na escola e pela falta de interesse dos alunos, além, claro, de um fator que tem predominância em sua fala: o tempo de aulas de apenas 50 minutos por semana, em cada série. Esse pouco tempo não é suficiente para trabalhar metodologias diversificadas e/ou pensar a partir dos conceitos. Desvelando as contradições de como seria a formação dos professores de Filosofia em relação à didática e metodologia, com significação conceitual e o exercício da docência no ensino médio, encontramos a reprodução do que foi feito com o professor em sua graduação em termos de ensino. Ou seja, o professor verbaliza a leitura de textos na aula. E o estágio curricular, que devia instrumentalizar esse professor em formação, não acontece ou acontece de modo deficitário e não oportuniza o conhecimento das práticas docentes que articulam teoria e prática docente.

É evidente que os alunos também podem contribuir mais para que as aulas de filosofia sejam mais produtivas e alcancem o seu interesse de auxiliar na autonomia criativa de conhecimento dos estudantes. A evidência se apresenta quando na fala das professoras e das alunas o fator (in)disciplina tem destaque em “atrapalhar” as aulas acontecerem, bem como a importância de os estudantes cumprirem com requisitos para que isso aconteça, fazendo as leituras solicitadas e acolhendo as estratégias diferenciadas trazidas pelo professor.

De forma geral, foi possível notar que é preciso formação continuada⁵ dos docentes, para uma prática metodológica mais rentável em se tratando de produção de conceitos e ainda que seja preciso rever os estágios supervisionados durante a graduação que tem em vista preparar o profissional para o exercício docente. Tais análises foram possíveis tendo como parâmetro a fala dos professores, que afirmaram unanimemente que os estágios durante a graduação foram deficientes e que no exercício da profissão preparam as aulas solitariamente, “catando” informações e referências.

⁵Formação continuada - reciclagens articuladas a mudanças importantes, tais como reformas de estruturas, ou introdução de novos programas, de novos meios de ensino e de novas tecnologias; nesses casos, a autoridade escolar provoca uma atualização, que consiste ao mesmo tempo em informação, explicação e formação, e que se dirige a todos, sob a forma de reciclagens obrigatórias ou fortemente recomendadas.

É neste sentido que acreditamos que os dados deixam perceber que é necessária uma mudança, tanto na prática do professor no ensino médio quanto da formação do profissional ainda na graduação, nos estágios supervisionados e quem sabe na estruturação do currículo do curso, inserindo uma disciplina que seja diretamente voltada para as estratégias de ensino de Filosofia. Esta mudança implica também na ampliação da carga horária disponibilizada para a disciplina, de modo que seja possível aplicar as práticas metodológicas propostas pelos autores e que realmente sejam métodos que viabilizem a produção de conhecimento e não a mera repetição como acontece mais costumeiramente.

Ao realizar a dissertação, tive o objetivo de investigar a realidade do ensino de Filosofia no município de Janaúba-MG, no que tange à didática e estratégias de ensino utilizadas pelo professor, com vistas a compreender o papel do professor de Filosofia para a formação da autonomia de pensamento do educando e sua criação de conceito e com isso evidenciar a importância do ensino de filosofia no ensino médio para o desenvolvimento das habilidades de pensamento dos educandos e emancipação.

Sob pena de a Filosofia ser banida de vez dos currículos escolares que se deve refletir sobre as estratégias de ensino que estão sendo praticadas na sala de aula. Assim requer que se formem professores habilitados a executar métodos que incitem os alunos a estudar Filosofia, reinventando, recriando e produzindo novos conceitos. Desse modo defendemos o aprimoramento dos estágios curriculares durante a graduação, com oficinas didáticas e metodológicas durante as aulas e ainda que a disciplina de Filosofia tenha a carga horária aumentada nos anos finais do ensino médio e, quiçá, a disciplina seja incluída desde as séries iniciais, para auxiliar desde a base educacional escolar na autonomia de produção de conhecimento.

Em relação a esta pesquisa, ela pode contribuir para que retornemos à universidade para repensar a didática e o estágio curricular supervisionado, pois aquilo de que o professor reclama é a falta de acompanhamento no estágio. Vale ainda, e especialmente, rever as práticas pedagógicas utilizadas no estudo de Filosofia, para que seja construído o conceito e que seja possível sair do campo da *doxa* (opinião) e avançar para a emancipação, a postura de pessoa politizada e que reconstrói sua existência. Estudos que analisem a necessidade de aproximação entre escola e universidade poderão ser desenvolvidos no futuro para diminuir a distância entre o que se ensina e o que se aprende em relação ao ensino de Filosofia, evidenciando novas abordagens didáticas e novos textos produzidos sobre a temática. Muito há ainda por fazer.

BIBLIOGRAFIA

ASPIS, Renata Lima. O que é ensinar?. In: ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009, p. 25-66.

ASPIS, Renata Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. vol. 03, Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, DF, 2006.

_____. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Ensino Básico. Parecer CNE/CBE n. 38/2006. Brasília, DF, 2006.

_____. Governo Federal. Lei n. 11.684, de 02 de junho de 2008. Altera art. 36 da Lei 9394-96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 2008.

CARMINATI, Celso João. Formação e didática do ensino da Filosofia. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 369-384, 2013.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERQUEIRA, Luis Alberto. A ideia de filosofia no Brasil. **Rev. Filosófica de Coimbra**, nº 39, 2011, p. 163-192.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 2016.

CORNELLI, G.; CARVALHO, M.; DANELON, M. Filosofia: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino, v. 14)

COTRIM, Gilberto; Fundamentos de Filosofia / Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes, Ed. Saraiva, 1ª edição, São Paulo, 2016

COSTA, João Cruz. A história da filosofia no Brasil. In: Enciclopédia Delta Larousse, vol. IV, p. 1941-1954. 2ª ed. 1964. Rio de Janeiro.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia ?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO – DOU. 2016. Atos do Poder Executivo ISSN 1677-7042 Ano CLIII No - 184-A Brasília - DF, sexta-feira, 23 de setembro de 2016.

DOPP, Douglas Aparecido; RIBEIRO, Dulce Helena. Indisciplina em sala de aula: desafio para professor, instituição e família. **Revista Transformar**, 2014, nº 06, p. 123-140.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e educação, 2009.

_____. Ensino de Filosofia: avaliação e materiais didáticos. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio. **Filosofia: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 159-170.

_____. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. Ensino de filosofia: teoria e prática. In: GELAMO, Rodrigo. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução: J. Rodrigues de Menege. Edição ACRÓPOLIS Versão para eBook. Disponível em: <
<https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf>>. Acesso em 19 jun. de 2018.

KOHAN. **Filosofia Ensino e Educação –Salto para o futuro**. 2011. ISSN 1982 – 0283.

KOHAN, Walter Omar. O Ensino da Filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. **Cad. Cedex**, Campinas, vol. 24, p. 305-320, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **O ensino de filosofia e a questão da emancipação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino ; v. 14).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. In: ROSA. M. da G. de. **A história da educação através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MALDANER, Jair José, SETÚBAL. OsliAdriel de Melo **Resquícios Da Pedagogia Tradicional Na Prática Docente: um relato de experiências a partir do pibidifto-campus Palmas**, 2010.

MENEGASSI, Renilson José. Leitura: a elaboração de perguntas pelo professor e os reflexos na interpretação textual. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 83-101, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **"Introdução à metodologia das ciências sociais." O desafio do conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, vol. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder . A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, vol. 7, n. 1, 2013, p. 1-12.

SILVEIRA, Daniel. Filosofia No Ensino Médio Noturno: Uma Realidade A Ser Valorizada. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/004e1.pdf>>. Acesso em: 25 agos. 2018.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego.** Rio de Janeiro: Didek, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Pesquisa para dissertação de Mestrado em Ensino de Filosofia pelo programa PROF-FILO intitulada - **ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA PARA O TRABALHO COM O ENSINO MÉDIO: uma análise crítica.**

Roteiro de entrevistas PARA PROFESSORES

Data da Entrevista: _____

Nome do entrevistador: **Edilene Santos Silva**

Nome do entrevistado: _____

Cidade de origem: _____

Idade: _____ Sexo: _____

1 - Qual é o seu gênero (sexo?)

() Feminino () Masculino

2 -Qual é a sua idade?

19-23 () 23-25 () 25-30 () () Mais

2-Qual a sua formação? Local de trabalho?

3- Como você prepara as aulas de Filosofia?

4-Quais são as estratégias de ensino que você utiliza para as aulas de Filosofia?

5-Quais as estratégias de ensino os professores usavam nas aulas em sua graduação?

6- A formação do professor na graduação atende às necessidades especialmente metodológicas para o ensino de Filosofia?

7- Os alunos demonstram satisfatório rendimento no processo ensino e aprendizagem?_

8-Como se dá a aceitação dos alunos pela disciplina? Aceitam bem o método de ensino participando das aulas ativamente? Comente.

9- Qual o nível de conhecimento dos alunos em relação ao conteúdo? De 0 a 10.

Pesquisa para dissertação de Mestrado em Ensino de Filosofia pelo programa PROF-FILO intitulada - **ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA PARA O TRABALHO COM O ENSINO MÉDIO: uma análise crítica.**

APENDICE II

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA ALUNOS

Data da Entrevista: _____

Nome do entrevistador: **Edilene Santos Silva**

Nome do entrevistado: _____

Cidade de origem: _____

Idade: _____ Sexo: _____

1 - Qual é o seu gênero (sexo?)

() Feminino () Masculino

2 -Qual é a sua idade?

Menos de 15-18 () 19-23 () 23-25 () 25-30 ()

3. Local de trabalho?

3 – Em sua opinião, para que serve a disciplina de filosofia no ensino médio?

4 – A metodologia e o jeito de ensinar os conteúdos utilizados pelo professor na sala de aula contribuem para a compreensão da disciplina de Filosofia? Se contribuir ou não, explique os motivos. (1)

5 – Qual é o método mais utilizado pelo professor de Filosofia para dar suas aulas? Esse método ajuda na compreensão da disciplina?

6 – Em sua opinião, como o professor deveria ensinar e ou transmitir os conteúdos de Filosofia na sala de aula?

7 - Se você pudesse mudar algo nas aulas de Filosofia, o que mudaria? Por quê?

8 - Você acredita que as aulas de Filosofia podem contribuir para sua formação crítica para o exercício de sua cidadania?

9- Em sua opinião, os professores de Filosofia estão bem preparados para atuarem em sala de aula e lidarem com as necessidades dos jovens/adultos do ensino médio?

APÊNDICE III

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título da pesquisa: A FORMAÇÃO, DOS PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DOS PROFESSORES DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: uma análise crítica.

Instituição promotora: Universidade Estadual de Montes Claros

Patrocinador:

Pesquisador: Edilene Santos Silva.

Atenção:

Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você leia e compreenda a seguinte explicação sobre os procedimentos propostos. Esta declaração descreve o objetivo, metodologia/procedimentos, benefícios, riscos, desconfortos e precauções do estudo. Também descreve os procedimentos alternativos que estão disponíveis a você e o seu direito de sair do estudo a qualquer momento. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre os resultados do estudo.

1- Objetivo : Compreender o papel do professor de filosofia para a formação da autonomia de pensamento do educando e sua criação de conceito para o desenvolvimento das habilidades de pensamento dos educando.

2- Metodologia/procedimentos:

Pretende-se realizar uma pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa. Segundo Minayo (2010), as pesquisas qualitativas e quantitativas, não se opõem, ao contrario se completam, pois a realidades abrangidas por elas se integram dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. A entrevista que será o instrumento de obtenção de informações será realizada com seis dos estudantes e com os dois professores das duas escolas públicas estaduais no município de Janaúba. As entrevistas serão abordadas de forma semiestruturada com roteiro de entrevista.

3. Justificativa

Decorrente da atuação no ensino de filosofia na rede estadual de educação é que venho constatando uma “apatia” por parte dos discentes em relação à execução de tarefas na referida disciplina. Os alunos não fazem as atividades ou ainda querem apenas “copiar” uma resposta pronta, sem qualquer envolvimento com o conteúdo.

Nessa perspectiva, na categoria de estudante de graduação de Filosofia, pude constatar que as questões didáticas e metodológicas para o ensino de filosofia são pouco valorizadas e aceitas pelos docentes. Apesar de ser um curso de licenciatura, a disciplina de didática foi trabalhada ao final do curso em caráter terminal. Para tal, é necessário conhecer as estratégias de ensino dos professores na disciplina de filosofia

no ensino médio, analisando as repercussões do ensino de filosofia na formação e aprendizagem dos alunos do ensino médio visando desvelar as contradições da formação dos professores de filosofia e o exercício da docência no ensino médio.

- 3- Benefícios: Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para a discussão na escola sobre a relevância da disciplina além de poder publicar artigos para apresentações em eventos nacionais e internacionais.
- 4- Desconfortos e riscos: Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos de não haver aceitação de profissionais não quererem participarem da pesquisa, nesse caso será contatado outra escola e selecionados outros profissionais.
- 5- Danos: Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de minha participação no estudo, poderei ser compensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.
- 6- Metodologia/procedimentos alternativos disponíveis: Informamos que não existe procedimentos alternativos nessa pesquisa.
- 7- Confidencialidade das informações: Fui informado que meu nome será mantido em sigilo, resguardando minha a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
- 8- Compensação/indenização: Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.
- 9- **Outras informações pertinentes:** Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

10- Consentimento:

Li e entendi as informações precedentes. Tive oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, indicando meu consentimento para participar nesta pesquisa, até que eu decida o contrário. Receberei uma cópia assinada deste consentimento.

Nome do participante
Data

Assinatura do participante

Nome da testemunha
Data

Assinatura da testemunha

Nome da pesquisadora da pesquisa
Data

Assinatura da pesquisadora da pesquisa

ENDEREÇO DO PESQUISADOR:

TELEFONE:

ANEXOS